

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

MICHELE ZANIN ZONIN

**SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE SÃO MIGUEL ARCANJO: DISCUSSÃO DAS
PERCEPÇÕES SOBRE O ESPETÁCULO DE SOM E LUZ A PARTIR DAS
RELAÇÕES DE PODER, TERRITÓRIO E PAISAGEM**

ERECHIM

2022

MICHELE ZANIN ZONIN

**SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE SÃO MIGUEL ARCANJO: DISCUSSÃO DAS
PERCEPÇÕES SOBRE O ESPETÁCULO DE SOM E LUZ A PARTIR DAS
RELAÇÕES DE PODER, TERRITÓRIO E PAISAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Geografia da Universidade Federal da
Fronteira Sul (UFFS), como requisito
para obtenção do título de Licenciada em
Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Reginaldo José de Souza

ERECHIM

2022

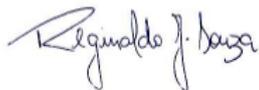
MICHELE ZANIN ZONIN

**SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE SÃO MIGUEL ARCANJO: DISCUSSÃO DAS
PERCEPÇÕES SOBRE O ESPETÁCULO DE SOM E LUZ A PARTIR DAS
RELAÇÕES DE PODER, TERRITÓRIO E PAISAGEM**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca no dia 25/08/2022.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Reginaldo José de Souza



Profª. Dra. Debora Clasen de Paula



Profª. Ma. Talita Fernandes Gonçalves

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Zonin, Michele Zanin

Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo: Discussões das percepções sobre o Espetáculo de Som e Luz a partir das relações de poder, território e paisagem / Michele Zanin Zonin. -- 2022.

68 f.

Orientador: Doutor Reginaldo José de Souza

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Geografia, Erechim,RS, 2022.

1. Poder. Paisagem. Território. Sítio Arqueológico. Espetáculo Som e Luz.. I. Souza, Reginaldo José de, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS

Iniciei esse parágrafo inúmeras vezes. Escrever esta página, é referenciar a minha própria caminhada acadêmica, as memórias, lugares e afetos, é também revisitar os aprendizados que adquiri nesses quase cinco anos de faculdade, mas um dos mais importantes, certamente é que por mais solitário que sejam alguns momentos, o caminho maior, não se faz sozinho, por isso, eu tenho muito a agradecer!

Agradeço inicialmente meu pai Laurindo Zonin que instigou a minha curiosidade desde criança e minha mãe Claudete Zanin Zonin que da sua maneira, me apoia, sendo fundamental para o meu ingresso e permanência no ensino superior. Meu irmão Michel Zonin que é um parceiro de reflexões, risadas, confidências, abraços de conforto e aos poucos se tornou minha referência de coragem. Minha vó Rosa, que sua partida recente, deixou um vazio, mas que é preenchido pela saudade e o amor que exalava em cada palavra e atitude que tinha conosco.

Agradeço ao meu orientador Reginaldo José de Souza, que me acolheu desde o começo do curso, foi paciente, tinha palavras de inquietação, mas também de acolhimento, ensinando que existem muitas maneiras de geografar o mundo, aguçando meu senso crítico e ocupando um papel muito importante no desenvolvimento do meu amor pela pesquisa e na ampliação do entendimento acerca das possibilidades de vivenciar a universidade e a vida pessoal.

Em seu nome agradeço aos demais professores do curso de Geografia e de outros que contribuíram para a minha formação e que tive a oportunidade de ser aluna. Estendo o agradecimento a professora Valéria Barros, a qual aceitou ser banca quando esse trabalho ainda era um projeto, bem como a professora Débora Clasen, que fez apontamentos significativos e se fez presente nesta etapa. Agradeço a professora Talita Fernandes, que aceitou o convite para a banca, mas que além disso, sempre foi atenciosa, gentil e comprometida, muito obrigada pela sua amizade.

Agradeço à Radira, Stéfany, Eduarda, Thamires, Lucas, Tailize, Cassio, Luis, Raquel, Alice, Tauana, por serem tão generosos/as e terem estado comigo quando fazer faculdade era um sonho, que aos poucos começava a se tornar realidade. Agradeço ainda a Thais, Vinicius, Yuri e Fabio, que chegaram a pouco, mas já ocupam um lugar imenso no meu coração. Vocês são muito importantes para mim e transformaram positivamente a minha experiência na UFFS e os dias fora dela.

Por fim, agradeço a Universidade Federal da Fronteira Sul e ao curso de Geografia, por proporcionarem tanto conhecimento, perspectivas de mudança profissional, pessoal e social e aos diversos encontros com pessoas tão plurais, por isso sou muito grata por estudar em um espaço público, que visa a qualidade e a inclusão. Desejo que eu possa contribuir para o avanço e divulgação da ciência e por sua vez, do saber geográfico, proporcionando a mudança e estando aberta para o novo em todos os espaços que eu alcançar.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso, propõe compreender as relações de poder no território do Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo, localizado no município de São Miguel das Missões – RS. Dialogando para além do conceito de poder, a aplicação paisagística para visualizar as dinâmicas territoriais, sociais e políticas desse recorte, bem como o próprio entendimento de território, alvo de disputas e afetos no tempo pretérito e contemporâneo. Utilizando trechos do texto do Espetáculo Som e Luz que conta de forma breve e com tom poético, como ocorreu o segundo ciclo das Reduções Jesuítico-Guaranis, partindo do pressuposto de que essa apresentação contribui significativamente para a construção do imaginário coletivo daqueles que o assistem sobre esse período missioneiro (1682-1756). Tivemos como percurso metodológico, o levantamento de artigos, capítulos de livros e materiais audiovisuais que trouxessem diferentes perspectivas sobre a nossa temática de pesquisa. Além disso, fizemos os trabalhos de campo de modo exploratório e as entrevistas com a atual secretária de Turismo do município, bem como turistas e indígenas que estavam no Sítio. Entende-se que as relações de poder se manifestam de diversas formas e contam com muitos elementos que auxiliam nessa construção, como espetáculos artísticos, narrativas e silenciamentos.

Palavras-chave: Poder. Paisagem. Território. Sítio Arqueológico. Espetáculo Som e Luz.

ABSTRACT

This course conclusion work comprises the power relations in the territory of the São Miguel Arcanjo Archaeological Site, located in the municipality of São Miguel das Missões - RS. Dialoging beyond the concept of power, landscape application to visualize how the terrestrial, social and political ones of this cut, as well as the very understanding of territory, target of disputes and affections in the past and contemporary times. Some excerpts from the text of the *Spectáculo Som e Luz do Espetáculo* briefly and with a poetic tone, as occurred in the second cycle of the Jesuit-Guara Redactions, based on the text that this presentation significantly contributes to the construction of the collective imagination that helps in the construction from the imaginary this missionary period (1682-1756). as a methodological route, the survey of articles, book chapters and audiovisual materials that brought different perspectives on our research theme. In addition, exploratory field work and interviews with the current secretary of Tourism of the municipality, who as well as tourists and locals were at the site. It is understood that power relations manifest themselves in different ways and have many elements that help in this construction, such as artistic shows, narratives and silencing.

Keywords: Power. Landscape. Territory. Archaeological Site. Sound and Light Show.

RESUMEN

Este trabajo de conclusión de curso comprende las relaciones de poder en el territorio del Sitio Arqueológico São Miguel Arcanjo, ubicado en el municipio de São Miguel das Missões - RS. Dialogando más allá del concepto de poder, aplicación del paisaje para visualizar cómo se cortan los terrenos, sociales y políticos de este, así como la comprensión misma del territorio, blanco de disputas y afectos en el pasado y en la contemporaneidad. Algunos extractos del texto del Espectáculo Som e Luz do Espetáculo de manera breve y con tono poético, como ocurrió en el segundo ciclo de las Redacciones Jesuitas-Guara, partiendo del texto que esta presentación contribuye significativamente a la construcción del imaginario colectivo que ayuda en la construcción desde el imaginario de este período misional (1682-1756). como ruta metodológica, el levantamiento de artículos, capítulos de libros y materiales audiovisuales que trajeron diferentes perspectivas sobre nuestro tema de investigación. Además, se realizaron trabajos de campo exploratorios y entrevistas al actual secretario de Turismo del municipio, quienes además de turistas y lugareños estuvieron en el lugar. Se entiende que las relaciones de poder se manifiestan de diferentes formas y tienen muchos elementos que ayudan en esa construcción, como los espectáculos artísticos, las narrativas y los silenciamientos.

Palabras llave: Poder. Paisaje. Territorio. Sitio arqueológico. Espectáculo de luz y sonido.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Planta da Igreja principal / Planta da Missões Jesuíticas (RS)

Figura 02 – Planta de São Miguel Arcanjo

Mapa 01 – Mapa de Localização de São Miguel das Missões

Figura 03 – Casa de Passagem

Figura 04 – Venda de artesanato pelos Guaranis no entorno do museu dentro do Sítio

Figura 05 - A catedral sendo iluminada durante o Espetáculo Som e Luz

Figura 06 - Ruínas da Igreja no Sítio de São Miguel Arcanjo - RS

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PAC	Programa de Ação Cultural
SEDAC	Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2.Relações (re) estabelecidas no território.....	13
2.1.Missões jesuíticas: um breve histórico.....	13
3. A arte imita a vida.....	22
3.1.Catedral de vento: São Miguel das Missões e o Espetáculo Som e Luz.....	22
3.2.Relações de poder no território de São Miguel.....	23
3.3.A paisagem como indicadora das relações sociais no território.....	24
3.3.1.Compreendendo a paisagem.....	24
3.4.Compreendendo o território.....	27
4.Diferentes percepções sobre o Espetáculo Som e Luz.....	29
5.Considerações finais.....	53
Referências.....	55
Apêndice A – Texto completo do Espetáculo Som e Luz.....	58

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho além da função de conclusão de curso, deriva de parte de uma pesquisa mais ampla ¹a qual fui bolsista de iniciação científica entre os anos de 2021 e 2022, e que despertou em mim encantamento e inquietações que se perduraram por todo o processo de busca, leitura, análise e escrita. Por tanto, essa temática surgiu entre idas à campo², diálogos de orientação e com moradores do município de São Miguel, criando assim, conexões entre o contexto concreto e teórico missioneiro.

O material foi organizado em três tópicos maiores a fim de identificar e compreender as relações de poder estabelecidas no território do Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo, localizado no município de São Miguel das Missões, utilizando fragmentos do Espetáculo Som e Luz. Para isso, como procedimentos metodológicos, realizamos o levantamento de referencial bibliográfico, levantamento documental, trabalhos de campo e entrevistas com análise de conteúdo.

Dessa maneira, inicialmente trataremos um apanhado histórico da relevância política da Companhia de Jesus diante dos tronos ibéricos nas tentativas de colonização em outras partes do mundo até a fixação em território sul americano e posteriormente o que hoje conhecemos como o estado do Rio Grande do Sul. A Companhia teve sua criação no período da Contrarreforma (1545-1648), ou seja, sua atuação foi uma entre outras formas da Igreja Católica conter o avanço do protestantismo.

Em segundo momento, explicaremos sobre o Espetáculo e usaremos trechos que nos ajudem a ilustrar as relações conflituosas que ocorreram nesse espaço, envolvendo diversos atores para além dos padres e tronos, os próprios indígenas que sofreram impacto direto em sua cultura e organização social, mas que queremos trazer destaque a esses para que não sejam coadjuvantes e sim, protagonistas dessa história que tem a paisagem missioneira de cenário e que servirá de análise para a compreensão dos elementos daquele tempo pretérito e das ações que ocorrem no contemporâneo.

¹ Subprojeto “Dinâmicas ambientais e culturais e integração bilateral na Raia Transfronteiriça Rio Grande do Sul – Argentina” com financiamento pelo EDITAL No 121/GR/UFGS/2021.

² Primeiro trabalho de campo entre os dias 25 e 31 de janeiro de 2022; Segundo trabalho de campo entre os dias 17 e 19 de junho de 2022; Terceiro trabalho de campo entre os dias 16 e 18 de julho de 2022.

Bem como, revisar a conceituação de território e a sua importância nos acordos e disputas que culminaram no fim da experiência jesuítico-guarani. Realizando esse mesmo movimento de revisão e visualização de como as relações de poder atravessaram e moldaram a paisagem, o território e parte da história colonial retratada também no espetáculo.

Ao fim, as diferentes percepções sobre o Espetáculo Som e Luz, tentaram ser captadas por meio de entrevistas em campo com turistas e indígenas moradores do município, visando dimensionar o alcance e o impacto que a apresentação gera em seus espectadores e a contribuição para a memória coletiva da cidade que compartilha um território e história particular de contato entre culturas distintas, mas que mesmo passado anos, ainda existem lacunas e sentimentos derivados desses encontros.

2 RELAÇÕES (RE) ESTABELECIDAS NO TERRITÓRIO

“(...) o outro são sempre dois. Há o índio imaginado, construído e registrado pelos padres que estão em missão, assim como há o missionário que é observado, interpretado e incorporado pelos indígenas” (FELIPPE, 2018, p.27)

2.1.MISSÕES JESUÍTICAS: UM BREVE HISTÓRICO

Para pensarmos as missões jesuíticas, é necessário voltar ao começo do século XVI, quando iniciaram as expedições, mundo a fora, partindo do continente europeu em direção à continentes ainda não conhecidos por portugueses e espanhóis. Os primeiros contatos com os povos comumente não se davam de forma amistosa, havendo diferenças na recepção e o tipo de relação que pretendiam estabelecer em cada território encontrado.

Nesse contexto é importante pensarmos sobre a romantização criada em cima das populações nativas nessa relação de colonização. Certamente a imposição e dizimação de uma cultura e seu povo, não se justificam, porém, para avançarmos no debate, é necessário levantarmos o véu da história popularmente contada.

(...) os desafios de conceber uma outra historiografia que não tome o índio só como vítima, mas como protagonista de um momento de transformações. (...) seja pela imagem de vítima que se tem por causa dos extermínios de índios, seja pela visão de que eles aceitaram a conquista europeia, se retira dessas populações a possibilidade de participarem da História. (FELIPPE, 2018, p.27)

Com a resistência indígena diante da chegada e das tentativas de dominação por parte dos tronos ibéricos, surge o projeto das missões com o intuito de um novo contato por meio de padres jesuítas. Sendo que a própria Companhia surgiu como uma das medidas de contenção da Igreja Católica ao avanço da Reforma Protestante (1517).

Esse período foi conhecido como Contrarreforma (1545-1648), e a criação da Companhia de Jesus se deu por Inácio de Loyola (149-1556), nascido na Espanha e que com outros religiosos, desenvolveram regras disciplinares religiosas, além de serem encarregados de educar e espalhar o catolicismo. Paz (2018, p.12) menciona que era um projeto de transformação das bases sociais, políticas, ideológicas e simbólicas, que com diversos graus de sucesso, tentou-se aplicar em diferentes partes do globo.

“Em alguns casos, os jesuítas chegaram às cortes de sociedades sofisticadas, como na China e no Japão, não apenas como missionários, mas como

embaixadores de suas respectivas nações – Portugal, Espanha – com o objetivo de evangelizá-los “de cima”. (...) China e Japão eram sociedades tão sofisticadas quanto as europeias, exceto que não eram cristãs.” (ROSA, 2018, p.21)

Porém, os jesuítas não obtiveram o êxito esperado, alterando inclusive, a sua vestimenta e adaptando os seus costumes, e em outros casos, foram expulsos dessas nações pela divergência cultural e social.

Houveram tentativas na América do Norte, mas as experiências mais longas se deram na parte sul do continente. A fim de diferenciar, os padres jesuítas vinham em “missões”, ou seja, o intuito era estabelecer contato, entrar nas aldeias, compartilhar suas ideologias e “salvar” os indígenas que não tinham alma conforme o que se propagava no catolicismo naquele período. Sendo assim, as “reduções” foram criadas posteriormente, configurando espécies de cidades administradas pelos padres jesuítas e com o auxílio de alguns líderes indígenas.

A criação de uma relação amigável e pacífica entre indígenas e padres serviria para o trabalho com os colonos que tinham grande interesse nessa mão de obra. Outros interessados na mão-de-obra indígena, eram os bandeirantes, os quais tinham comportamentos violentos e ideias escravistas, sendo que nessa época, já havia mesmo que pequeno, o tráfico de africanos para o litoral brasileiro. Ressaltamos ainda, que alguns dos colonos, se tornavam bandeirantes também como forma inicial de fazer seu capital.

Houve a troca de interesses nas relações entre colonizadores e indígenas, porém, na situação que estava sendo posta, de dominação em relação aos povos originários, não haviam muitas possibilidades benéficas, afinal, pelo contexto, entende-se que com resistência ou não, por parte deles, esse processo de invasão estava e continuaria a acontecer da mesma forma, por tanto em uma tentativa de amenizar o impacto da chegada dos invasores, tentou-se acordos e alianças diplomáticas.

Alguns povos eram muito belicosos, tendo inimigos em outras tribos, vendo na relação com os estrangeiros, a possibilidade de vingança ou um fortalecimento no enfrentamento com eles, sendo assim, não eram todos os povos que aceitaram estabelecer e manter o contato com europeus. Cabe ressaltar também, que os conflitos registrados entre indígenas comumente eram por vingança pela morte de algum familiar, praticando a antropofagia como finalização dessa ação, ou a tomada de algum território que tinha recursos que possibilitavam a manutenção da vida daquela aldeia, já que também constituíam um estilo de vida quase nômade.

Essas aldeias não formavam povoados fixos, pois quando houvesse a escassez de alimentos, desgaste do solo ou a indicação de mudança por parte de algum líder, então ocorria esse deslocamento e reconstrução da organização social daquele povo. Para integrar-se, compreender e evangelizar os indígenas, criou-se no ano de 1553 a Província Jesuítica do Brasil ³tendo o Frei Manuel da Nóbrega como responsável. As primeiras ações missionárias eram as missões ambulantes, que consistiam em incursões periódicas dos padres para catequizar e batizar os indígenas, em seu próprio habitat, apoiados nos colégios ou nas residências jesuíticas⁴. (CUSTÓDIO, 2002, p.41)

Em períodos avançados dessas relações, já havia a alteração da forma de organização de vida, principalmente dos indígenas que se encontravam em aldeamentos propostos pelos jesuítas. “No contexto do século XVI, a expectativa positiva que o projeto jesuítico suscitava empolgava não apenas os missionários como também a Coroa e até os colonos. ” (MONTEIRO, 1994, p.43)

Os colonos visavam mão-de-obra barata e abundante e viam nesses aldeamentos uma alternativa à escravidão, negociando os serviços dos indígenas com o intermédio dos padres, mesmo que contrariados, pois esses colonos desejavam negociar diretamente com os nativos aldeados.

A maioria dos índios recusava-se a trabalhar para os colonos, e mesmo aqueles que aceitavam não respeitavam as condições de pagamento, voltando para o aldeamento assim que recebiam seus vencimentos (metade dos quais depositados antecipadamente), sem cumprir os serviços satisfatoriamente. Os colonos atribuíam essa resistência ao controle absoluto exercido pelos jesuítas. (MONTEIRO, 1994, p.46)

Essa situação gerou inúmeros conflitos e reclamações a coroa que nesse momento já havia passado pela unificação das nações de Espanha e Portugal, devido ao falecimento do rei de Portugal, D. João III em 1577. Após algumas disputas, assumiu o rei espanhol D. Felipe II, tendo início a chamada União Ibérica (1580-1640), em que as duas nações passaram a ser dirigidas por um mesmo soberano. (CUSTÓDIO, 2002, p.43) Os anos que se seguiram, mantiveram-se com os ânimos atizados, norteados por ameaças, tentativas de subordinações, resistência, disputas e inúmeras violências.

³ Província Jesuítica do Brasil com sede em Salvador.

⁴ Eram estruturas que comportavam a moradia dos padres e algumas vezes uma capela e um cemitério.

O impacto destrutivo da guerra⁵ levou os portugueses à busca de caminhos alternativos de dominação e transformação dos povos nativos. Ao implementar um projeto de aldeamentos, os jesuítas procuraram oferecer, através da reestruturação das sociedades indígenas, uma solução articulada para as questões da dominação e do trabalho indígena. (MONTEIRO, 1994, p.42)

Porém, com a finalização do século, o primeiro ciclo das relações entre europeus e indígenas também finaliza. No curto espaço de duas gerações, (...) tinham vivido a destruição de suas aldeias e a desintegração de suas sociedades. E os poucos que haviam conseguido sobreviver a estas calamidades achavam-se completamente subordinados aos colonos ou aos jesuítas. (MONTEIRO, 1994, p.55).

“A região sul do continente começou a ser explorada pelos espanhóis a partir de 1516, após a descoberta da foz do Rio da Prata por Juan Díaz de Solís, quando procurava um caminho marítimo para chegar ao Pacífico.” (CUSTÓDIO, 2002, p.46). A partir de agora, trataremos com maior ênfase essa região, em que se localiza nosso recorte de estudo.

Após esse primeiro contato conturbado, desde o ano de 1609, os padres jesuítas, iniciaram um trabalho de evangelização dos índios da Província do Paraguai. Segundo o IPHAN, “São Miguel Arcanjo (...), era uma das reduções jesuíticas do Paraguai que formava, com seis outras, os Sete Povos das Missões. Reunia grupos catequizados jesuítico-guaranis situados no noroeste do atual Estado do Rio Grande do Sul, em território brasileiro, às margens do rio Uruguai. ”

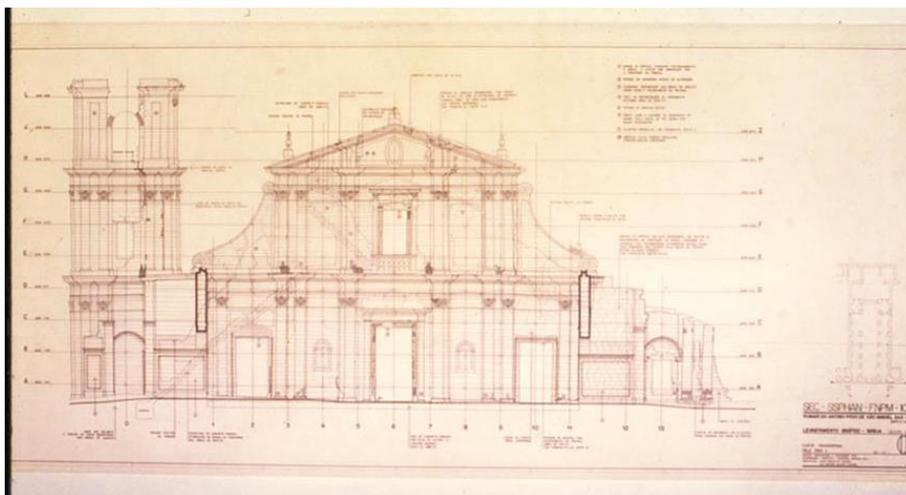
A Redução de São Miguel Arcanjo foi fundada em 1632, pelo Padre Cristóvão de Mendonça, na região do Tape. Devido aos ataques dos bandeirantes paulistas, em busca de escravos, a população mudou-se, em 1638, para a margem ocidental do Rio Uruguai. Em 1687, os padres jesuítas fundaram novamente São Miguel Arcanjo, desta vez no local do atual sítio. (CASSOL, 2014, p.1-2)

A vida comunal em uma redução era regida pelo trabalho e regras de convivência normalmente estipuladas pelos padres jesuítas em um acordo com o líder indígena da tribo. Havia também, plantações, escolas (porém, com restrições a quem as frequentariam), ensino de artes entre outras atividades que faziam a redução prosperar, gerando desconfianças entre as coroas da possibilidade de autonomia desses povos liderados pelos jesuítas.

⁵ Segundo a lei, um indígena só poderia ser escravizado em situação de “Guerra Justa”, ou seja, em situações que ele não obedecesse ou agisse com hostilidade aos colonizadores. O Rei era o único que poderia decretar uma “Guerra Justa”.

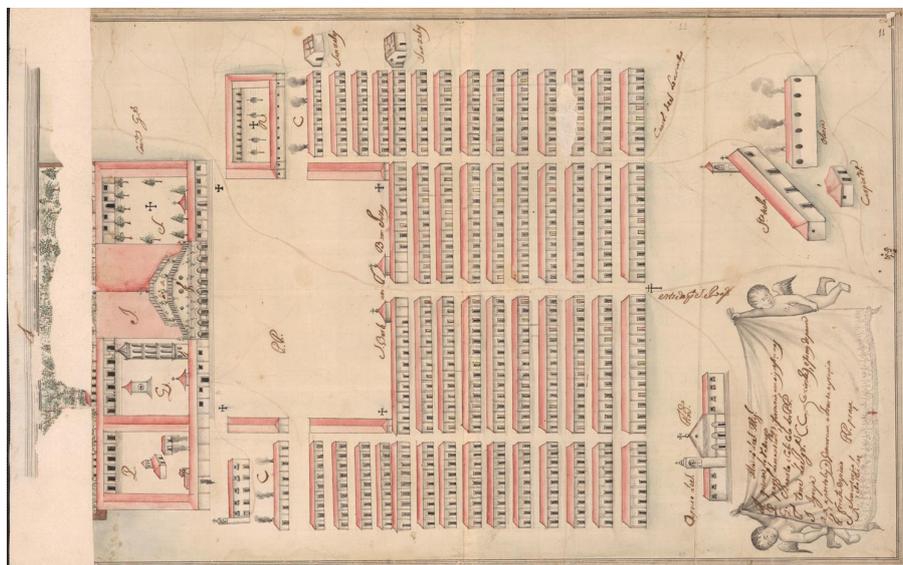
Criando unidades economicamente desenvolvidas, praticamente autônomas, exportando para a Europa, enviando tributos ao Geral da Companhia, em Rosa, com influência política dentro dos Estados Católicos da Europa, a Companhia de Jesus tornou-se pouco a pouco uma ameaça. Generalizou-se o boato de que a ordem jesuítica se constituía num “Estado dentro do Estado” e que os padres estariam com intenção de fundar um “Império Teocrático na América” (PASAVENTO, 1994, p. 12)

Figura 01: Planta da Igreja principal / Planta da Missões Jesuíticas (RS)



Fonte: IPHAN, 2022⁶

Figura 02: Planta de São Miguel Arcanjo



Fonte: Planta da Missão de São Miguel Arcanjo ⁷
(1756, data atribuída devido à ocupação das tropas portuguesas)

⁶ IPHAN, disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/766/>>.

⁷ IPHAN, disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/7povos/pagina/detalhes/1900>>

Munidos de desconfianças, receio da perda dos territórios e pelos diversos furos em cumprir o tratado anterior, as coroas ibéricas assinam um novo documento, conhecido como Tratado de Madrid em 1750, o qual passaria os Sete Povos das Missões para a coroa portuguesa e a Colônia do Sacramento para os espanhóis, porém, os indígenas recusaram-se a deixar o seu território, dando início ao fim desse projeto de evangelização.

A impotência guarani consubstanciou-se pela desarticulação entre as instâncias até então harmônicas dos povos: padres, cabildos e caciques. Mesmo que os índios tivessem um exército formal e hierarquizado, seria muito difícil vencer militarmente as tropas ibéricas deslocadas da Europa e da América colonial para combatê-los. (GOLIN, 2015, p.75)

Os conflitos que já ocorriam no papel, passam a acontecer no território, estourando a Guerra Guaranítica (1754-1756) que dentre outras, houve a Batalha de Caiboaté em 10 de fevereiro de 1756, um confronto entre guaranis e os exércitos português e espanhol. O conhecido líder Sepé Tiaraju, veio a falecer três dias antes, em 7 de fevereiro de 1756, atingido por uma flecha e posteriormente assassinado com um tiro em campo de batalha.

Estima-se que esse confronto tenha durado em torno de uma hora e quinze minutos e deixado 1.200 indígenas mortos, além de inúmeros feridos. “A chacina de Caiboaté foi comemorada pelos colonizadores com festas e missas em Buenos Aires, Colônia do Sacramento, Montevideu e Rio Grande.” (GOLIN, 2015, p.87)

Ainda segundo Golin (2015, p.87-88) em maio de 1756, os exércitos ibéricos coligados entraram nas Reduções. Grande parte de sua população já havia se embrenhado nos matos. A casa dos padres de São Miguel ardia em chamas, cujo incêndio foi contido com dificuldade. As coroas seguiram seu plano de evacuar os Sete Povos, porém a vida ali já não era mais possível, dessa forma, a guerra, o traslado das famílias indígenas e as divergências dos comissários demarcadores sobre diversos percursos da fronteira levou a anulação do Tratado de Madri pelo Convênio do Pardo.

Com a anulação do Tratado de Madri em 1761 pelo acordo de El Pardo, “(...) os povoados missioneiros da Banda Oriental do rio Uruguai voltaram para o domínio da Coroa Espanhola e após a expulsão dos jesuítas, em 1767, como as demais reduções, passaram a ser administradas por leigos espanhóis e a instrução religiosa ficou a cargo de outras ordens. ” (STELLO, 2005, p.26-27) Ocasionalmente então, o maior colapso do sistema missioneiro. Em 1801 há outra invasão e conquista de São Miguel e dos demais povos para a Coroa Portuguesa por José Borges do Canto, soldado de Portugal.

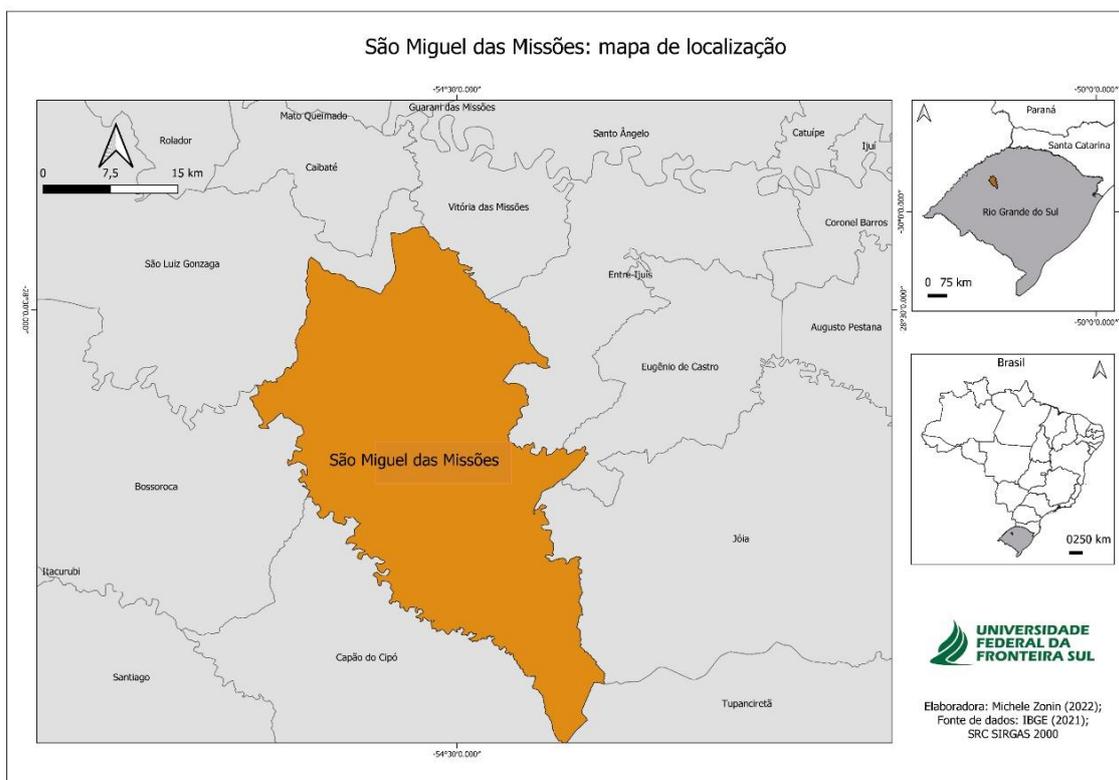
Os colonos que chegaram posteriormente, no século XIX, usaram materiais das ruínas para construir suas moradias, acelerando a destruição do antigo povoado.

Atualmente, a cidade de São Miguel das Missões, onde localiza-se o Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo, faz parte de um circuito histórico das Missões Jesuítico-Guaranis, na parte brasileira e é uma das reduções mais bem preservadas.

Em 1983, juntamente com as Missões localizadas em território argentino de *San Ignacio Mini*, *Santa Ana*, *Nuestra Señora de Loreto* e *Santa María La Mayor*, São Miguel das Missões foi declarada Patrimônio Cultural Mundial pela Unesco. Esses locais são considerados, atualmente, monumentos históricos com finalidade cultural e turística expressiva, e altamente significativos para o desenvolvimento local das comunidades envolvidas. Como exceção, esses sítios são usados para eventos religiosos ou recreativos. (IPHAN)

Após os conflitos apresentados no período colonial, no ano de 1926, surge a vila de São Miguel, em que foi criado um loteamento urbano ao redor dos remanescentes do antigo povo jesuítico-guarani, porém, apenas em 1988 que a vila se emancipou de Santo Ângelo, tornando-se município e estando responsável das condições administrativas e fiscais para seu desenvolvimento urbano e rural. A cidade possui um pouco mais de sete mil habitantes segundo o último censo (IBGE, 2010), e localiza-se na mesorregião Noroeste Rio-Grandense.

Mapa 01: Mapa de Localização de São Miguel das Missões



O Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo, conta com visitas de turistas durante todo o ano, havendo um compartilhamento de espaço entre esses e a comunidade

local indígena e não-indígena, por meio do comércio, hotelaria e restaurantes e da venda do artesanato pelos Guaranis no entorno do Museu.

Esses mesmos indígenas, estão alocados em uma aldeia a 30km do Sítio, havendo um sistema de revezamento, para que alguns deles passem a semana na “casa de passagem” e realizem a comercialização dos seus produtos artesanais. Segundo Marcon (2007, p.351) a venda do artesanato constitui o único momento em que o turista entra realmente em contato com os indígenas, numa relação marcada pela troca comercial.

Figura 03: Casa de passagem



Fonte: Michele Zonin, junho de 2022

Figura 04: Venda de artesanato pelos Guaranis no entorno do museu dentro do Sítio



Fonte: Michele Zonin, janeiro de 2022

Após diálogos com a gestão da Secretaria de Turismo, Desenvolvimento e Cultura do município, tem-se a premissa de que estão em busca de parcerias e capacitações de membros da aldeia no intuito de integrá-los inclusive a cargos dentro dos órgãos públicos.

A mescla de imagens e discursos, disseminam afirmativas em diversas instâncias. Olharmos para o presente em termos temporais, é visualizarmos um acúmulo de histórias que se chocam ou se complementam, em um espaço que se transforma por meio dessas ações, tal como, estudarmos o presente pode nos fazer compreender melhor sobre como esse passado se desenrolou, assim, uma das formas de contar e fazer refletir sobre essas histórias, é por meio da arte.

3 A ARTE IMITA A VIDA

3.1 CATEDRAL DE VENTO: SÃO MIGUEL DAS MISSÕES E O ESPETÁCULO SOM E LUZ

Uma das atrações turísticas no município de São Miguel, é o Espetáculo Som e Luz, exibido desde o ano de 1978⁸ de forma ininterrupta, com exibições diárias em português e três vezes por semana em espanhol e inglês. Criado pelo governo do estado do Rio Grande do Sul, com o texto de Henrique Grazziotin Gazzana⁹, e com as vozes de Fernanda Montenegro e Maria Fernanda que dão vida a Terra e a Catedral respectivamente, como personagens do enredo que remonta o segundo ciclo das reduções jesuíticas, traçando o surgimento, auge e destruição das construções e a dizimação do povo que ali havia se estabelecido por anos, além de outros artistas que interpretam nomes que aparecem com destaque, como o índio Sepé Tiaraju e o padre jesuíta fundador do povoado de São Miguel, Antônio Sepp.

A apresentação carrega ideias e falas que evidenciam os conflitos pelo território e as relações de poder entre os agentes presentes na narrativa, assim como, o texto conta como os elementos naturais e construídos socialmente compõem a paisagem missioneira. Durante a narrativa, percebe-se que tanto a Igreja quanto à Terra, estão na defesa dos povos Guaranis e dos Jesuítas, referindo a esses com palavras de afeto.

Figura 05: A catedral sendo iluminada durante o Espetáculo Som e Luz

⁸ Período da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985).

⁹ Nascido no ano de 1955 em Caxias do Sul, graduou-se em medicina (UFRGS) e Letras (UFRGS), realizando um mestrado em Letras no ano de 1989.



Fonte: Michele Zonin, junho de 2022

Para pensar as relações de poder, assim como pensar os conceitos de território e paisagem, usaremos trechos do texto desse espetáculo, partindo da premissa de que a literatura e outras manifestações artísticas contribuem para a memória coletiva dos lugares, podendo influenciar inclusive na forma como as populações pensam e organizam-se no presente e alterando essas mesmas relações no futuro ou ao seu contrário, mantendo-se imóveis.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, a “literatura teria ainda o poder de disseminar representações de mundo que reafirmam ou refutam a ideologia dominante, possuindo assim, um papel político. ” (CARVALHO, 2019, p.135) Salienta-se que a ideia, não é analisar o texto em sua íntegra, mas usar de trechos que ilustrem os conceitos geográficos abordados neste trabalho.

3.2 RELAÇÕES DE PODER NO TERRITÓRIO DE SÃO MIGUEL

Pelo breve histórico apresentado no capítulo anterior, observa-se que todo o processo que se desenrolou na chegada das coroas na América do Sul, passando pela criação das reduções até os conflitos violentos que dizimaram e encerraram o projeto missionário, foram permeados pela ideia de “poder”.

Para Raffestin (1980, p.56) o poder se manifesta por ocasião da relação. É um processo de troca ou de comunicação quando, na relação que se estabelece, os dois polos fazem face um ao outro ou se confrontam. Podemos perceber essas relações no trecho que segue retirado do texto do Espetáculo Som e Luz:

Trecho 01: Palpita em mim o casamento ensanguentado de dois reinos da península europeia: Espanha, amante da beleza e da aventura, mas tão cruel em suas guerras e conquistas, e Portugal, dono de vasto território àquele tempo, mas pouco hábil para mantê-lo a seu contento, conceberam num tratado o triste intento de trocaram entre si as Missões e Sacramento. Ordenaram aos Guarani e Jesuítas que migrassem com o sol, para além do Rio Uruguai. E ante a recusa de meus filhos em abandonarem minhas colinas consumaram em algazarra sanguinária suas bodas assassinas. (Fala da Terra com a Igreja no início do espetáculo)

O conflito de dois Estados pela posse de uma região não é apenas um conflito pela aquisição de um pedaço de território, mas também pelo que ele contém de população e/ou de recursos. (RAFFESTIN, 1980, p.58) Além do trecho anterior, essas afirmações também seguem na próxima fala destacada:

Trecho 02: A bacia do Prata é o ponto final de três rios e inicial de mil conquistas. De norte a sul convém ser nossa. E...deixemos de rodeios... Se portugueses hoje fazem fortuna em Sacramento, mudando de dono a colônia mudam de cofre os proventos! (Fala do Marques de Valdelírios – Comissário espanhol de Demarcação dos Limites da América Meridional – com um padre jesuíta em diálogo sobre a troca da Colônia de Sacramento pelos 7 Povos das Missões)

Observa-se nesse fragmento que a prosperidade exaltada em outros trechos do espetáculo, torna-se um conceito seletivo, ao passo que o que importa de fato é a prosperidade das coroas, e não necessariamente do restante do povo que a elas pertenciam, tendo um total descaso ou pouca preocupação com as pessoas que ali viviam,

como se estivessem em um jogo, sendo indígenas e jesuítas, peças móveis de um tabuleiro.

Como já apontado anteriormente, as relações de poder constituíram e constituem a organização espacial daquele território. Tendo, portanto, essa percepção no horizonte, abordaremos outros conceitos que servirão como lentes geográficas de análise do texto.

3.3 A PAISAGEM COMO INDICADORA DAS RELAÇÕES SOCIAIS NO TERRITÓRIO

3.3.1. COMPREENDENDO A PAISAGEM

A paisagem nesse contexto torna-se cenário e protagonista do atual espetáculo e do pretérito massacre. Inicia-se esse subitem com a imagem que se tornou uma espécie de cartão postal da cidade a qual atrai os turistas para fazerem suas fotos ou conhecerem mais a história das Missões Jesuíticas, com o intuito também de realizar com o(a) leitor(a) o exercício individual de identificação dos elementos presentes nessa fotografia.

Figura 06: Ruínas da Igreja no Sítio de São Miguel Arcanjo - RS



Fonte: Michele Zonin, junho de 2022

Esse conceito geográfico, para além da ideia estética, é também um conceito político, pois pode contribuir na compreensão e organização espacial das sociedades,

entendendo a paisagem como indicadora dessas relações e de seus agentes, que transformam seus lugares de vivência.

A paisagem é o reflexo e a marca impressa da sociedade dos homens na natureza. Ela faz parte de nós mesmos. Como um espelho, ela nos reflete. Ao mesmo tempo, ferramenta e cenário. Como nós e conosco, ela evolui, móvel e frágil. Nem estática, nem condenada. Precisamos fazê-la viver, pois nenhum homem, nenhuma sociedade, pode viver sem território, sem identidade, sem paisagem. (BERTRAND, 2007 *apud* PASSOS, 2013, p.34)

É na paisagem que observamos a presença ou a ausência de elementos e indivíduos. Corrêa (2009, p.3), destaca que a produção e reprodução da vida material é mediada na consciência e sustentada pela produção simbólica – língua, gestos, costumes, rituais, artes, a concepção da paisagem, etc. Observa-se o exemplo abaixo do texto do espetáculo:

Trecho 03: (...) Deixai vossos olhos correrem pelo que agora é ruína. (...) Ali está a padaria, e a escola de instrumentos. Mais lá em baixo a olaria. Ao construirmos encaixamos os tijolos não usamos cimentos. Lá o moinho, aqui a oficina dos escultores. Quase pegada a ela está o atelier dos pintores. A mescla das culturas sendo descrita pelas atividades cotidianas nas reduções. (Descrição do Padre Antônio Sepp, fundador da Redução de São Miguel Arcanjo)

Os elementos citados na fala do Padre Sepp, demonstram a adaptação cultural entre Jesuítas e Guaranis, mas uma maior imposição de hábitos por parte dos padres e da cultura colonial em relação aos indígenas, que passaram pela catequização e alteração das suas atividades comuns ou festejos tradicionais.

Os exemplos das inúmeras paisagens da cultura dominante, que exibem, por meio de formas simbólicas, o poder que a classe dominante detém (...) são notáveis. (COSGROVE, 1998 *apud* CORRÊA, 2009, p.4) Alves (2018), destaca “que compreender a paisagem é compreender a relação que o homem mantém com o mundo por meio da experiência do olhar e do domínio da palavra.”, corroborando com essa ideia Souza et al (2009, p.9) afirma que,

(...) a importância da abordagem paisagística está no fato de nos remeter a uma percepção direta da realidade geográfica; para tal, devemos considerar desde suas formas, ou seja, sua aparência visível, até os aspectos invisíveis, tendo-se em mente a relação dialética entre todos os seus elementos. Relação esta que, por sua vez, pode ser apreendida na via da compreensão da formação de um

determinado território que gera uma determinada paisagem. (SOUZA et al, 2009, p.09)

Outra palavra que nos aparece com frequência é a de “território”. O território é um espaço natural, social e historicamente organizado e produzido e a paisagem é o nível do visível e percebido deste processo. (SAQUET, 2007, p.142) Dessa maneira, ainda segundo Saquet (2007, p.146), a paisagem pode ser compreendida como o aparente, o observado, o percebido, o representado, mas não está descolada da (i)materialidade do território. Ambos os conceitos mesmo que apareçam juntos por diversas vezes, não são sinônimos, assim como “espaço” e “território” que veremos no próximo item.

3.4.COMPREENDENDO O TERRITÓRIO

Como exposto anteriormente, as relações de poder entre coroas, missionários e indígenas, se deram no e pelo território. A caráter de conceituação, para dialogarem com nosso trabalho, trazemos as definições de Raffestin (1980, p.144) o qual afirma que “(...) o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço”. Tal qual, a noção de território em duas perspectivas classificadas por Fuini (2017) baseado nas ideias de Saquet.

Existiria, então, uma perspectiva territorial de dominação, com conotação mais material e funcional (política ou econômica), geralmente identificada com os grupos hegemônicos, e outra de apropriação, mais simbólica e pluralista e que pode se identificar com grupos subalternos e suas lutas de resistência. No sentido de dominância funcional, o território é tratado como recurso dotado de valor de troca (controle físico, recurso, produção), e em um sentido de dominância simbólica, tratado como um geossímbolo, com valor de uso (abrigo, lar, segurança afetiva). (FUINI, 2017, p.23)

Para os Guaranis, a ideia de território se diferenciava em relação a concepção europeia, pois não havia demarcações ou fronteiras, deslocando-se em busca da ‘terra sem males’, demonstrando afeto e respeito, diferente da ideia colonialista, que visava a dominação e poder com o acúmulo territorial. Podendo dessa forma exemplificar a classificação de Fuini no trecho abaixo:

Trecho 04: O senhor está subestimando o poder de nosso adversário. Esquece que nossos soldados lutam mais pelo salário, ao passo que os Guaranis, defendem seus territórios. Conhecem bem o terreno, sabem onde atocaiar-se, preparam boas armadilhas. Além de tudo são mestres na técnica das guerrilhas. (Diálogo entre José Joaquim Viana e Gomes Freire de Andrade)

Por meio dessa fala, torna-se perceptível que a noção de território, como já apontado, diferencia-se entre as culturas europeia e a indígena. Ribeiro (2016, p.17) reforça ainda, que para Joaquim José Viana, Governador de Montevidéu, assim como para outras autoridades portuguesas e espanholas, as terras onde estavam os Sete Povos interessavam apenas para os negócios e, por este motivo, foi articulada sua troca. Observemos mais dois trechos entre o líder indígena Sepé Tiarajú e o general Gomes Freire de Andrade já em período de guerra:

Trecho 05: Indígena insolente... Mas...mesmo assim... Sepé Tiarajú, eu te perdô... Anda, apeia do teu cavalo. Podes beijar minha mão fidalga. Agradece por minha piedade em nome do Reino de Portugal, verdadeiro dono destas terras. (Gomes Freire de Andrade)

Trecho 06: Esta Terra já tem dono! Deus e São Miguel a entregaram aos animais que a tem povoado. Portanto, General assalariado, ajoelha-te tu e beija os cascos do meu cavalo. (Sepé Tiarajú em resposta a Gomes Freire)

Na fala de Sepé, temos na narrativa a ideia de poder sobre o território e sobre o outro que o confronta. Ele que apresenta entendimento e ações derivadas de sua cultura indígena em negação a cultura do general que também faz o mesmo movimento de não reconhecimento e enfrentamento do outro.

Sobre essas relações, Gonçalves (2018, p.96), diz que toda cultura observada de fora ou sob a ótica de outros valores aparece como irracional. (...) ou seja, toda e qualquer cultura é um sem sentido que faz sentido para as pessoas que nela vivem. Nenhuma cultura é, assim, racional, ao mesmo tempo que todas o são do ponto de vista de seus próprios valores.

Destarte, a história é uma construção, uma disputa de narrativas e ideologias que se sobrepõem no correr do tempo e nos elementos que moldam ou compõem o espaço. Após essa análise reflexiva de trechos do espetáculo, veremos como a apresentação e o discurso presente nela reverberam atualmente em turistas, indígenas e poder público do município e estado.

4.DIFERENTES PERCEPÇÕES SOBRE O ESPETÁCULO SOM E LUZ

O espetáculo atrai turistas de diferentes cidades e regiões, com distintas percepções e com algum tipo de conhecimento prévio sobre o histórico da região. Com o intuito de contribuir para a análise recente da apresentação e das relações sociais e culturais no território que hoje localiza-se o Sítio, criamos um roteiro de 17 questões para a entrevista com os turistas e outro com 13 questões para os indígenas que comercializam seu artesanato nesse espaço.

Essas entrevistas aconteceram em campo no mês de junho deste mesmo ano (2022) em visita ao município e ao Sítio e foram transcritas, de modo que os entrevistados foram escolhidos aleatoriamente e com número divergente entre os dois grupos alvo em virtude da disponibilidade e da abertura cedida, mantendo o respeito e distanciamentos necessários para não acontecer nenhuma exposição ou constrangimento de ambas as partes.

Roteiro entrevista com turistas após o espetáculo Som e Luz –
São Miguel das Missões/RS

Nome:	
Idade:	
Profissão:	
Local de origem:	
Pergunta	Objetivo da pergunta

1.Qual seu interesse em visitar o sítio?	Conhecer inicialmente as motivações de deslocamento do turista até o sítio a fim de também realizar uma introdução para as questões posteriores.
2.O que você já conhecia da região das Missões antes de vir aqui?	Compreender as bases referencias dos turistas sobre a temática.
3.O que você achou ou está achando da visita?	
4.O que você achou das Ruínas?	
5.O que mais te chamou atenção? Por quê?	
6.O que você sentiu durante o espetáculo?	
7.Qual parte do espetáculo você mais gostou? Por quê?	Estabelecer uma espécie de comparativo entre o conhecimento prévio e o possível adquirido com a apresentação, entendendo as percepções sobre os conflitos e reais motivos da dominação.
8.Qual parte do espetáculo você menos gostou? Por quê?	
9.Você sentiu falta de algo no espetáculo? Haveria algo que pudesse ser feito para melhorá-lo?	
10.Como você explicaria o espetáculo para alguém que ainda não teve oportunidade de assistir?	
11.Você recomendaria o espetáculo e a visita ao sítio para pessoas que ainda não estiveram aqui?	
12.Você retornaria para cá num outro momento?	

<p>13.Você chegou a visitar a aldeia dos Guaranis?</p> <p>13.1.Em caso positivo, como foi?</p> <p>13.2.Em caso negativo, pretende ou tem vontade de conhecer? Por quê?</p>	<p>Entender qual a percepção do turista sobre as relações de poder que ocorreram no passado e as consequências refletidas no presente para os povos nativos do território.</p>
<p>14.Você chegou a ver algum indígena na sua visita ao Sítio?</p>	
<p>15.Você tem vontade de conversar com algum deles (Indígenas)? Por quê?</p>	
<p>16.Depois que você assistiu ao espetáculo, você acha que a vinda dos jesuítas para cá foi boa ou ruim para os indígenas? Por quê?</p>	
<p>17.Você achou que o espetáculo foi fiel à realidade? Por quê?</p>	

Elaboração: Michele Zonin com colaboração de Reginaldo Souza (2022).

Após essa breve explicação da organização do questionário, seguem as respostas e suas respectivas análises de forma separada por grupo e indivíduos entrevistados. Usaremos a letra “T” como identificação para “turista” com a sequência numérica conforme a quantidade de pessoas entrevistadas. No caso do questionário para os indígenas, obtivemos apenas uma entrevista, portanto não se faz necessária essa classificação. Como não temos o objetivo de realizar uma quantificação e sim, uma análise qualitativa das respostas, selecionamos aquelas mais interessantes para o enquadramento da nossa discussão.

<p>1.Qual seu interesse em visitar o sítio?</p>
<p>Respostas dos turistas</p>
<p>(T1) O nosso filho, a escola dele sempre faz essa visitação quando eles estão no quinto ou sexto ano, que eles estão estudando essa parte da história e nesse ano a escola não fez, que o meu filho viria, aí passou um tempo, passou um ano, dois, três, e eu sempre quis trazer ele para viver essa história também, e como o nome dele também é Miguel, aí a gente conseguiu vir agora nesse feriado.</p>

(T2) ¹⁰ Eu já conhecia o lugar e foi mesmo para apresentar para ele (T3).
(T3) Eu nunca tinha vindo para cá, nessa região, achei que seria interessante conhecer.
(T4) A gente veio a primeira vez com a excursão da escola aqui, isso vai fazer uns 15 anos.
(T5) ¹¹ Nós já viemos mais vezes e trouxemos eles pela primeira vez para conhecer.
(T6) ¹² Conhecer um pouco mais da história.
(T8) ¹³ Isso é um sonho de muitos anos conhecer aqui.
(T9) Um sonho compartilhado, como historiadora a gente quer saber as origens né? É uma coisa assim que a gente tem feito bastante é ir atrás.
(T10) Eu sempre tive esse interesse desde os quinze anos, que eu visitei o sítio com a excursão do colégio, onde eu estudava no curso clássico que se chamava, era uma excursão que saiu de Porto Alegre e foi indo na direção nordeste até Asunción no Paraguai, cruzamos para a Argentina, balsa, rio Paraná, tinha um padre jesuíta conosco, então fomos, a gente dormia em mosteiros, comia umas comidas deles. O meu lado materno, ele é missioneiro, é uma família de Santa Bárbara do Sul, então, isso foi só crescendo, então é uma coisa que tá dentro de mim, eu me sinto muito à vontade aqui, eu gosto.

Os interesses em visitar o Sítio, costumam acontecer inicialmente pela questão turística, em que casais, familiares, grupo de amigos, se organizam para fazer a visitação em momentos de lazer como férias ou finais de semana, e posteriormente, pela curiosidade e busca do entendimento da história de parte do estado do Rio Grande do Sul.

2.O que você já conhecia da região das Missões antes de vir aqui?
Respostas dos turistas
(T2) Eu sim, já tinha vindo uma outra vez para conhecer.
(T3) Eu não, nunca vim.
(T4) Antes da primeira visita, era só instrução educacional mesmo.
(T5) A história a gente conhecia.
(T6) Só por televisão mesmo.

¹⁰ Estava em visita com o T3.

¹¹ Estava em visita com outros turistas.

¹² Estava em visita com o T7.

¹³ Estava em visita com o T9.

(T10) Não, eu não conhecia, quero dizer, quando eu era criança, eu visitava a minha bisavó em Santa Bárbara, mas eu era pequenininho, não entendia das coisas, era tudo uma espécie de folclore familiar, dos missioneiros, são uma gente diferente, uns gaúchos mais indígenas, enfim, mais bravos, mais fronteiriços, tem lá uma cultura deles, um idioma, eu sempre observei o meu outro lado que é de descendência alemã, aí sim o acervo que vinha da família era mais intenso, mais documentado inclusive, com coisas, festas alemãs, aqueles camponeses pobres que fugiram lá da Europa no começo do século XIX. Então, dos dois lados tinha essa chamada assim do “ancestro” e aí é claro, a gente fica assim, o que tu é na vida? O que tu é no mundo? E essa é uma resposta que nunca vai existir, mas a gente vai preenchendo né? Inclusive com informações, com estudos e com afetos também, no fim a gente é um resultado de um caminho que foi feito, não foi feito só pela gente, foi todo mundo que fez esse caminho.

Observou-se que o conhecimento da região vinha de estudos formais, como em escolas durante a formação educacional básica ou informações construídas culturalmente, como destaca o entrevistado T10, citando características do imaginário popular sobre o povo e organização social desses, que foram construídos com uma mescla de outros indivíduos e culturas.

Ou seja, essa construção nos parece ser originária do período colonial jesuítico-guarani, o qual é explorado para fins turísticos e de pesquisa, mas que os acontecimentos que se deram ao fim desse recorte, não carregam essa mesma importância na memória de turistas.

3.O que você achou ou está achando da visita?
Respostas dos turistas
(T2) Eu fazia vários anos que tinha vindo, acho que até ontem, considerando o espetáculo Som e Luz, melhorou bastante, foi muito surpreendente, a gente saiu encantado, superou todas as expectativas.
(T4) A primeira visita a gente consegue aliar o que a gente estudava, quinta, sexta série, a gente consegue associar uma coisa na outra.
(T5) Eu acho, a única coisa que eu não, crítica construtiva, se tivesse mais gente explicando, a gente lê, mas tu não sabe exatamente o que foi e o que não foi, eu sei que aqui eles tem quando a gente vem em excursão, mas quando vem só três, quatro, não sabe direito, tu lê alguma coisa, mas é bem básico só.

(T6) Vamos visitar amanhã.
(T9) A gente chegou e veio direto para cá, amanhã que a gente vai conseguir olhar as coisas, olhar o museu, olhar as ruínas, tudo de perto.
(T10) O sítio, eu acho um sítio legal, poderia melhorar muito, conservação, o aspecto assim, entendeu? A programação, eu não sei se há recurso pra isso também, se ele gera recurso, entendeu? As programações diárias, de fim de semana tem mais movimento, o espetáculo que eu conheço desde o começo, ele é um espetáculo que tá muito defasado, muito fora de tempo, de tudo, o que tem nessa ruína que ela se banca sozinha, nesse inverno com esse sol deitado, dá essa luz bonita assim, o céu azul, então claro, a pedra vermelha, granito, tudo isso, mas merecia mais.

Nessa questão, temos a indicação de satisfação com a visita, principalmente após assistir ao Espetáculo, mas também o desagrado em virtude de alguns pontos. Não há a disponibilidade de guias turísticos no Sítio de São Miguel pagando apenas a entrada, portanto, é preciso realizar a contratação desse profissional ou, ainda como uma alternativa, a Secretaria de Turismo, disponibiliza uma gravação por meio de um aplicativo que conduz e realiza as explicações, apesar de ser pouco divulgado para os visitantes.

O segundo ponto, refere-se a melhorias e se há um rendimento econômico com as visitas. Em entrevista com a atual secretária de turismo do município, obtivemos as informações de que toda a arrecadação das entradas do Sítio, ficam retidas no IPHAN que se responsabiliza por manutenções no patrimônio, enquanto o valor da bilheteria do Espetáculo Som e Luz, permanece no município. Havendo então, a busca por mais recursos via PAC (Programa de Ação Cultural) e do programa Avança Turismo pelo governo do Estado.

4.O que você achou das Ruínas?
Respostas dos turistas
(T2) Acho que tá bem conservado a estrutura e comparando com a vez que eu tinha vindo, não sei mensurar a quantidade de anos, mas dá para ver que a conservação se mantém no decorrer desse período.
(T3) Achei bem bonito, apesar de ser só ruínas, achei bem bonito.
(T4) Para nós aqui, o patrimônio mundial que tem na cidade, então acho muito importante e tem que valorizar.
(T5) Eu acho sempre lindo.

(T6) Lindo.

(T10) A ruína eu não posso escolher, a ruína ela se arruinou, deixaram se arruinar, aqui evidentemente, houve um saqueio.

As respostas indicam um encantamento ou mesmo a noção de uma beleza colocada nas ruínas, porém aqui, podemos mensurar a ação de órgãos como o IPHAN, pois esse patrimônio mesmo que não tenha todos os recursos necessários para a criação de outras ações turísticas, passa por manutenções que permitem que a catedral continue fazendo parte da paisagem missioneira.

Dessa forma, podemos pensar o quanto um projeto de educação cultural e patrimonial aos moradores e turistas se faz necessário, para que essas informações sejam espalhadas e se valorize criticamente elementos que nos fazem compreender a composição histórica e mesmo territorial dessa região.

5.O que mais te chamou atenção? Por quê?
--

Respostas dos turistas

(T2) Uma coisa que me chamou atenção, isso a gente vinha conversando, apesar de ser uma cidade turística, a cidade não tem um potencial turístico, porque é uma cidade que movimenta muito, a gente veio desde ontem para cá, mas é uma cidade que se for ficar dois dias, você já não tem o que fazer, parece que não é explorado o turismo, apesar de movimentar tantas pessoas para cá.
--

(T3) O espetáculo de ontem eu achei muito bom e eu achei que seria péssimo, mas achei muito bom.
--

(T4) O que chama atenção, é a forma como foi feita a estrutura na época com pouco recurso que tinha, então isso me chama atenção, a capacidade que os indígenas tinham.

(T5) A cidade a gente simplesmente, nós viemos por causa das ruínas, nós não viemos por causa do município, nós simplesmente vamos para as ruínas, vamos para o Caaró, os locais turísticos, é essa a nossa intenção. Eu e ele trouxemos mais gente, já viemos em quatro, cinco carros, viemos olhar o som e luz que é uma maravilha, apesar de eu ter visto lá por 80 e poucos, 88/89, que eu achei, eles mudaram, mas aquela época, eu achei melhor, eu achei muito mais interessante porque ai não se contava toda a história, mas era, tu escutava, “ah ali”, eles falavam isso, hoje em dia é diferente, totalmente diferente, mas aquela história do passado era o som e luz do passado pra mim, eu achava muito melhor, porque foi reformulado, mas é uma coisa assim, que todo mundo, deveria

ter continuado os dois, eu simplesmente me apaixonei pelo som e luz e a última vez que eu vim ver, faz uns três, quatro anos atrás que eles tinham reformulado ele, eu fiquei assim um pouquinho decepcionada (entrevistador – qual que é a maior diferença entre esse do passado e o de agora?) eu não sei, o do passado era mais ativo, as falas ativas, assim, um povo daqui, um povo dali, sabe? Hoje em dia é muita narração, a narração, simplesmente tu, estão narrando a história e o antigo, tu participava da história.

(T7) As ruínas né, a história que conta.

As respostas dessa questão, nos levam majoritariamente a duas indicações. Inicialmente o potencial turístico pouco explorado pelo município, que apresenta uma baixa oferta de opções em hotelaria e restaurantes além da visitação e do Espetáculo, sendo este último a próxima indicação.

A apresentação ocorre desde o ano de 1978, não existindo referências que mostrem qualquer alteração em seu roteiro, apenas a melhoria em recursos como áudio e iluminação. A arte tem um potencial de nos emocionar e nos tocar de formas distintas, o que nos leva a refletir, de que o primeiro contato com algo diferente, pode nos impactar unicamente em relação a momentos posteriores que formos expostos a mesma apresentação, compreendendo também, que o Espetáculo é apontado como algo importante nessa experiência de visitação ao Sítio.

6.O que você sentiu durante o espetáculo?

Respostas dos turistas

(T1) Achei bem emocionante, é uma coisa que por mais que a gente não tenha vivido a história, dá aquela sensação que tu está ali mesmo, dá uma tristeza, porque tu vê que passam-se os anos e as pessoas continuam lutando pela tal liberdade como foi na época, tantos anos atrás já defendendo o país, enfim, bem emocionante.

(T2) Eu acho que é uma superação de expectativas, justamente porque o som principalmente, o jogo de luzes é interessante, mas o som, ele remete muito a questões de... (T3 – parece um filme de suspense), isso, eu acho que isso faz realmente a aproximação da história com o momento atual e eu acho que passa aqueles 50 minutos de uma forma tão rápida que você consegue se entrosar no espetáculo, acho que essa foi a parte mais interessante. E eu vou dizer, que apesar de eu ser gaúcha, a história a

<p>gente estuda lá no colégio, mas a gente acaba esquecendo, e por eu não ser da região, não é uma coisa tão marcante assim pra mim e eu acho que o espetáculo ajudou.</p>
<p>(T4) O espetáculo, ele te leva, assim, tu sai, é um outro mundo ali, tem evocação dos espíritos dos personagens que frequentaram ali.</p>
<p>(T5) É uma história, tu volta para aqueles lugares onde tu estava estudando, onde eles estava te ensinando a história, né? Então tu volta pro passado e cada vez tu aprende o que tu esqueceu, tu revive.</p>
<p>(T6) Parece assim que a gente vai para a época que foi vivido assim, é bem real mesmo.</p>
<p>(T8) Você espera, fica esperando acontecer alguma ali, um cavalo, correndo para um lado e para outro né?</p>
<p>(T9) Eu fiquei imaginando eles fazendo com hologramas, as partes da guerra, sabe? Eu achei que seria bastante bacana se eles se inscrevessem para uns projetos assim, fazer a filmagem e depois jogar com hologramas a parte da Guerra Guaranítica, fica bem legal, fiquei imaginando. Eu acho que tem tanto, o SEDAC¹⁴, eles tem bastante dinheiro, edital para esse tipo de coisa, sabe? Cairia bem se eles fizessem aqui, participando assim de editais pra que pudesse filmar isso aí, é um dinheiro que dá retorno, né? Por que esse espetáculo já tem quantos anos? Sempre da mesma forma, tá na hora, né? Até por causa dessa questão da digitalização que tá tão em voga, né? Então se tu trazer um espetáculo com holograma fica mais atrativo, né? Quem viu uma vez, não vai ver a segunda, né?</p>
<p>(T10) Ele se mostrou pra mim meio burocrático, essa dependência de atores famosos, entendeu? Por que não tem uma voz Guarani ali? Teria sido emocionante trinta e cinco anos atrás, assim, uma surpresa, uma novidade, uma reconquista pela população do Brasil desse patrimônio, redescoberto, né? Mas, hoje já, isso é um aspecto que aumentaria muito o interesse.</p>

Começa-se a ter a indicação que o Espetáculo contribui para o entendimento dos turistas a respeito de parte da história missioneira, mas que poderia ter melhorias em sua aplicação, ultrapassando a ideia de ser apenas com luzes e o som da narração, bem como uma reformulação do texto, que poderia trazer elementos mais

¹⁴ Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul.

críticos, para que não beirasse a romantização das relações de poder que culminaram no genocídio indígena.

7.Qual parte do espetáculo você mais gostou? Por quê?
Respostas dos turistas
(T1) A parte que fala das próprias Missões, da construção da igreja, porque tem a voz que é como se fosse dela, não sei se não é a Fernanda Montenegro, que dá aquela iluminada e parece que realmente as Ruínas estão falando mesmo.
(T2) A parte que eu mais gostei foi a parte do final que foi quando a narração fica muito próximo da história contada porque antes eles começam a trazer da narração, mas uma narração assim como se fosse crítica, pensando assim “vocês os visitantes”, aí parece que ficam frase soltas, aí você fica mais vendo a luz do que tentando entender o som, mas quando eles começam a tentar tornar real, porque história a gente esquece.
(T3) Parece um teatro mesmo, que está acontecendo a história.
(T4) Pessoalmente eu prefiro o espetáculo dos 20 minutos pro final, os últimos 28 minutos, começa ali o conflito.
(T5) Para nós era tudo, o contexto todo era bom.
(T6) A parte mais emocionante, é a parte da guerra (T7 - parece que está dentro da batalha), quando mata o Sepé ali, parece que é real mesmo, é ao vivo.
(T8) Eu acho que o mais interessante foi a politicagem na negociação que Portugal fez (T9 – o Tratado de Madri em si), exatamente, o padre aquele botando os pingos nos “is” e o outro mandando ele calar a boca, porque é o que tá acontecendo hoje na nossa política, de anos e anos. O poder e em nome de Deus (T9 – Eles sempre fazem as falcatruas, sempre em nome de Deus).
(T9) Eu acho bem interessante quando entra o construtor da matriz, e aí ele começa a narrar como é que foi feito ali, eu achei bem legal as memórias, né? As memórias são muito interessantes. Achei bem legal quando eles falam nessa parte que Portugal já vinha roubando e tal e hoje a gente tem toda essa questão da política brasileira da roubaheira e a gente foi colonizado pelo o quê? Pelos ladrões que vieram de lá, né? Então isso já é uma herança genética que vem vindo, né? Então essa, é bem interessante.

O tom poético em que o texto foi construído, em alguns momentos pode induzir o espectador a devanear enquanto seus olhos acompanham o movimento das luzes. A crescente de ações até o conflito final, gera impacto quando todos esses elementos cênicos

são aliados e por fim, quando tudo volta ao escuro da noite, esse mesmo espectador, sai com uma mescla de sensações e reflexões sobre a história e os dias atuais.

8.Qual parte do espetáculo você menos gostou? Por quê?
Respostas dos turistas
(T1) Acho que eu gostei de tudo, porque quando a gente foi se informar sobre o espetáculo, a moça falou “vocês não precisam chegar muito cedo, se chega muito cedo, fica esperando”. A gente chegou, cinco minutos, começou, foi bem tranquilo, acho que não teve parte que a gente não gostou, porque toda a história prende a gente. Talvez, poderia ter sido mais curto em função do frio, mas acho que foi bem tranquilo.
(T2) Para mim foi a introdução, que é quando eles começam a falar coisas vagas, que aí parecia não fazer sentido com aquele momento, mas aí acho que é um momento de você apreciar as luzes.
(T3) Acho que não teve um momento que eu não gostei, foi bom do início ao fim, parecia uma poesia.
(T4) Não tem nenhuma parte assim.
(T5) Em geral nós gostamos dele todo.
(T6) Não sei. Todo ele é bem (não conclui).
(T7) Não sei.
(T8) Interessante, muito interessante isso daí (fazendo referência a ideia da T9)
(T9) Os hologramas.

Tem-se a indicação de três entrevistados que demonstraram o desagrado na introdução do texto e uma possível modificação do formato, do atual para a criação de hologramas que contassem a mesma narrativa, sendo que os demais gostaram da apresentação.

9.Você sentiu falta de algo no espetáculo? Haveria algo que pudesse ser feito para melhorá-lo?
Respostas dos turistas
(T1) Poderia ter uns animadores, assim, físicos, passar uns cavalos, que não ficasse só no som e luz, mas que de repente tivesse alguma animação.
(T2) Eu acho que só da história do que eu já comentei, ademais não.
(T3) É um espetáculo de som e luz então não tem que ter pessoas, mas acho que ficaria melhor com pessoas também, talvez até projetado ali na fachada.

(T4) Tem diversas coisas que a gente sabe que tem que melhorar, tem bastante projeto que a gente sabe na cidade que tá em andamento, mas para o nosso dia a dia, assim pro pessoal, pro pessoal novo que vem aí, causa um impacto.
(T5) É o que eu antes falei, a participação, tu conviver, tem uns gritos, tem umas falas dentro, os cavalos andando, no passado tu escutava aqueles cavalos vindo de longe, era uma história mais viva, mais real.

Essa questão entra em complemento às anteriores sobre o espetáculo, mas a carência de melhoria evidenciada pelos entrevistados, se encontra mais no formato da apresentação, do que na ideia que ela comunica, ou seja, a história expressa no seu texto.

10. Como você explicaria o espetáculo para alguém que ainda não teve oportunidade de assistir?
Respostas dos turistas
(T1) Eu acho que é um complemento, acho que faz parte da visita ter que assistir o espetáculo para entender a história, acho que eu diria assim, é bem emocionante, vale a pena.
(T2) A sensação de estar a céu aberto, é uma sensação diferente, geralmente onde a gente é acostumado a ver espetáculos, a gente está no teatro e esse desconforto de estar ao ar livre, de estar naquele momento do frio de ontem, associado com o som, eu acho que isso é marcante.
(T3) Surreal, porque tu sente mesmo, te traz sentimento, parecia um filme de suspense, os sons, a mudança de local de onde vem o som, as luzes, achei que tudo me surpreendeu.
(T4) O espetáculo para quem não conhece é uma oportunidade única de vir aqui e conferir, só assistindo tudo ali, para tu sentir o que realmente é o espetáculo.
(T5) É uma coisa maravilhosa, quem não viu tem que ver um dia.
(T6) Eu falaria que conta toda a história assim, desde o começo como se formou os povos, como se desenvolveu e até a guerra e depois que terminou.
(T8) Eu achei história oral. A garra dos índios tentando defender o que é deles, como tu defender a tua casa, então estavam defendendo o que era deles, mas a força deles era pouca.
(T9) A história contada através da oralidade e da imaginação, né? Porque à medida que tu tá escutando aquilo ali, tu consegue imaginar bastante, ainda mais quando a gente já

conhece um pouco da história, né? Consegue imaginar tudo que aconteceu, eu achei maravilhoso.

O Espetáculo carrega consigo um papel lúdico e didático de contar sobre o período jesuítico-guarani, contribuindo para a construção de um entendimento do indivíduo, mas também de cumprir a sua outra função, que é de atração turística, impactando também esteticamente seus espectadores.

11. Você recomendaria o espetáculo e a visita ao sítio para pessoas que ainda não estiveram aqui?
Respostas dos turistas
(T1) Com certeza. Eu só acho interessante tu saber um pouco da história, porque senão, tu chega aqui, “ai que bonita as Ruínas”, fotografa, mas e aí? O que aconteceu, por que realmente? Por que isso tá aqui? Como foi que chegou aqui? Por que escolheram aqui? Acho interessante sempre que a pessoa que venha fazer um passeio saber um pouco da história do lugar, se não fica uma coisa meio solta.
(T2) Com certeza.
(T3) Com certeza.
(T4) Com certeza.
(T5) Para todo mundo.
(T6) Sim, vale a pena.
(T7) Com certeza.
(T8) Com certeza.
(T9) Com certeza.

Percebe-se que conhecer o Sítio de São Miguel Arcanjo, apesar das melhorias sugeridas em outras questões, é um destino que seria recomendado por todos os entrevistados. Na T1, temos uma resposta muito pertinente, pois nesse caso, ter um conhecimento prévio sobre o histórico missioneiro nos possibilita apreender mais informações sobre o que está sendo apresentado em termos de patrimônio, artístico e histórico.

12. Você retornaria para cá num outro momento?
Respostas dos turistas
(T1) Com certeza. Até porque é bem diferente essa região da nossa.

(T2) A gente conhece as ruínas uma vez e aí você satura, a cidade parece que não oferece outras coisas para contemplar nesse nível de turismo, mas a gente não tem filho, provavelmente quando a gente tiver filho, a gente vai querer voltar, mas com outras pessoas, porque se for para voltar só a gente, aí parece que você já conseguiu sugar todas...
(T4) Com certeza. Tem várias pessoas aí que a gente encontra que faz 10 anos que veio e retornou, que veio um ano atrás e retornou, vem, traz familiares, apresenta novamente.
(T5) Sim, com certeza.
(T6) Sim, retornaria.
(T9) Com certeza, a gente quer ver, tem muita coisa para ver aqui e em dois dias não vamos conseguir ver tudo que tem das Missões todas.

A cidade, como indicado anteriormente, não apresenta muitas alternativas de passeio, assim, os turistas que retornam, comumente trazem outras pessoas para a visita ao Sítio. Em um outro caso, que despense mais tempo do visitante, seria realizar a “Rota das Missões”, ¹⁵um circuito turístico composto com um total de 26 municípios inclusos nessa região.

13.Você chegou a visitar a aldeia dos Guaranis?
13.1.Em caso positivo, como foi?
13.2.Em caso negativo, pretende ou tem vontade de conhecer? Por quê?
Respostas dos turistas
(T1) Não, a gente tá pensando agora fazer outros passeios à tarde, tem várias coisas para conhecer. Sim, porque eu acho, ainda mais agora com tudo que está acontecendo na Amazônia, eles realmente são os donos da terra, né? E parece que a gente não dá tanta importância, parece não, a gente não dá importância, então a gente tem uma ideia “índio”, mas ver realmente, porque a gente tem uma ideia de como eles vivem, mas acho interessante. A gente até já conhece alguma coisa indígena, da estrada, de passar e tal, mas assim, numa aldeia, a gente nunca foi.
(T2) Não, não visitei em nenhuma das vezes. Infelizmente hoje não vai dar, mas realmente seria algo interessante, porque apesar de ser gaúcha a gente não tem tanta proximidade, não sabe muito da cultura, mas com certeza é algo que eu teria vontade.

¹⁵ Site com mais informações: <https://www.rotamissoes.com.br/>.

(T3) Não.
(T4) Sim, chama a atenção a união deles, né? É um povo que trabalham todos unidos, não é igual a sociedade, a cidade que cada um tem o seu trabalho e cada um vive a sua vida individual, e lá não.
(T5) Não. Eu sei que tem uma aldeia, mas nunca chegamos e nunca ninguém nos disse “vamos lá”, infelizmente isso é uma coisa que não foi passada. Eu não sei, eu particularmente não sou muito.
(T6) Não.
(T7) Não, ainda não.
(T8) Não.
(T9) Não. A nossa cidade ela é, faz parte do circuito missioneiro porque ela foi fundada pelo índios Guaranis, ela ficou conhecida como aldeia de Nossa Senhora dos Anjos ¹⁶ porque era o nome das sesmarias que abrigou mais de mil índios Guaranis, então isso nos trouxe pro roteiro histórico Guarani, a gente tem na nossa cidade uma cruz missioneira. Então a gente conhece bem essa parte da história, eu ajudei a construir essa parte da história lá na minha cidade, após a leitura de alguns livros, né? E acho assim que é uma coisa muito, muito, uma história muito bonita dos índios, a raça deles em defender o seu espaço, depois saindo daqui e indo para Antônio Prado, indo pra Gravataí, indo para outros lugares, sempre tentando se restabelecer, né? Fugindo da escravidão que queriam fazer, tornar eles escravos, então os caras foram guerreiros, depois eles ficaram pouco tempo em Gravataí, ficaram em torno de dez, doze anos e depois foram para Viamão, justamente pela questão de serem tratados como escravos, eles eram alugados para trabalhar e eles não viam quase nada daquilo ali, eles viam casa e comida e muito precários ainda, né? Então acho que a saga deles foi bem grande, (T8 – A grande maioria lá de Viamão continua a mesma coisa, pois lá em Gravataí também, o mesmo sistema, estão empobrecidos demais, são obrigados a fazer um trabalhinho que outro e tentar vender na sinaleira para ganhar dinheiro, porque eles não cultivam mais terra, não adianta, essa cultura não tem mais, o negócio deles agora é tentar ganhar alguma coisinha vendendo).
(T10) Não. Sim, com certeza.

¹⁶ Cidade de Gravataí – RS.

Apenas um dos entrevistados teve acesso a aldeia em São Miguel, sendo o único que residia na cidade, os demais não conheciam, mas manifestavam algum tipo de interesse em conhecer. As informações que foram passadas para nós informalmente, é de que havia visitas agendadas na aldeia antes da pandemia, mas que não retornaram mesmo com a reabertura do Sítio.

Outro ponto que nos chama atenção, é o discurso daqueles que não acessaram a aldeia em comparação aquele turista que teve essa possibilidade, bem como a visão construída sobre a vida social e econômica desses grupos nativos, situação que refletiremos em complemento à próxima questão.

14.Você chegou a ver algum indígena na sua visita ao Sítio?
Respostas dos turistas
(T1) Sim, na saída ali, que fazem as vendas dos produtos, tinha uma senhora e umas crianças.
(T2) Não.
(T3) Não, basicamente do hotel pra cá e do restaurante.
(T4) Eles vem bastante, vende o artesanato deles durante o dia.
(T5) Eu vi eles ali embaixo, nós não passamos ainda, eles estão fazendo lá o artesanato.
(T7) A gente chegou hoje de tarde, não deu muito tempo.
(T9) A gente não, a gente veio direto pra cá.

Nota-se, que a maioria dos turistas entrevistados não tiveram contato com os indígenas que trabalham vendendo o artesanato no Sítio ou que tenham certo distanciamento ou pouco conhecimento sobre sua cultura e modo de vida, além do que foi construído, talvez caricatamente no imaginário individual.

Os Guaranis (...) vivem o grande paradoxo de sofrerem pressões para adotarem padrões da sociedade nacional, no que se refere à educação, saúde, trabalho, moradia etc., ao mesmo tempo em que, para terem seus direitos assegurados, devem manter-se étnica e culturalmente diferenciados, vivendo “conforme seus costumes, línguas, crenças e tradições”. São criticados ou discriminados quando, aparentemente adotando modelos vigentes na sociedade envolvente, assemelham-se à população carente da nossa sociedade, da mesma forma que o são quando não adotam novas práticas de higiene e saúde, de educação, de técnicas construtivas e agrícolas etc. (VERBETES GUARANI, op. cit. apud MARCON, 2006, p.70-71).

Os Guaranis costumam estar durante o dia no entorno do museu vendendo seus produtos artesanais, mas não são vistos em nenhum outro momento, apesar de toda a cidade ter referências indígenas na decoração dos estabelecimentos, dando a sensação de

que quase fazem parte da atração turística como objetos e não como um povo culturalmente distinto com organização social, política e religiosa.

15.Você tem vontade de conversar com algum deles (Indígenas)? Por quê?
Respostas dos turistas
(T1) Vontade a gente até tem, mas não sei, acho que na hora que tu tá ali no momento e tem muita gente em volta, eles estão tentando vender os produtos deles, né? Tinha um gurizinho, até fiquei com vontade de conversar com ele, ver o que ele faz, como que é o estudo dele.
(T4) Muito contato não.
(T5) Eu sei lá, não sinto, me desculpa, mas é uma coisa assim quando tu conhece, quando tu vê, não teria muito o que dialogar.
(T6) A gente está numa correria.
(T7) Falaram que tem que marcar horário e a gente nem sabia.
(T8) Com certeza.
(T9) Muito, a gente tem bastante vontade de ir. Essa questão cultural, conhecer um pouco mais de perto da cultura deles hoje, né?

Nessa questão, há turistas que manifestam a sua curiosidade e desejo de dialogar e conhecer a cultura indígena, porém, há outros que não apresentam esse mesmo interesse. Um não interesse manifesto da fala de alguns entrevistados, nos leva a reflexão, se essa afirmação, ocupa o lugar do gosto pessoal de cada indivíduo ou a negação de um modo de vida.

Modo esse, que foi construído por muito tempo como inferior em relação a sociedade ocidental branca ou outras culturas ao redor do mundo que compõe o fetiche de povos desenvolvidos. Talvez seja um questionamento que poderemos nos debruçar para entendê-lo em outro trabalho.

16.Depois que você assistiu ao espetáculo, você acha que a vinda dos jesuítas para cá foi boa ou ruim para os indígenas? Por quê?
Respostas dos turistas
(T1) Então, parecia boa, mas depois já não sei dizer se foi tão boa assim, porque acabou que entraram aí e aconteceu tudo que aconteceu. “Eu vim, apresentei uma proposta, mas daqui a pouco...” Parecia tão bom e de repente mudaram as coisas, aquela história, do homem branco entrou e interferiu muito na cultura, de repente seria outra história,

<p>aquela coisa do preservar a cultura deles, já não foi preservada porque entrou o homem branco e mudou os costumes, e segue acontecendo isso aí, o homem branco entrando e achando que a nossa cultura que é, e quem sabe eles não estão certos e a gente errados.</p>
<p>(T2) Eu acho que foi boa, pra mim o espetáculo me deu parece que uma simbiose, uma troca que os jesuítas tinham com os indígenas e os jesuítas defenderam junto, parece que eles estavam defendendo junto quando os espanhóis estavam tentando tomar o território, defenderam e estavam presentes.</p>
<p>(T3) Ruim né, porque no fim levou ao que aconteceu.</p>
<p>(T4) Para nós, se não fosse eles, talvez, a gente não estaria aqui, né? Mas acredito que atrapalhou um pouco, seria uma outra vida aqui.</p>
<p>(T5) Eu acho que os jesuítas não queriam tirar deles, eles só queriam civilizar eles, eles queriam ensinar coisas boas que os jesuítas, só que como é uma cultura diferente, ensinamentos diferentes, então eles tiveram que deixar uma parte para aprender a outra parte, então infelizmente, e ali talvez, a gente não saiba como é que os jesuítas realmente, alguns agiam e outros não, então eu acho que foi bom, foi bom por um lado e ruim por outro lado.</p>
<p>(T6) Foi boa, porque eles escolheram um lugar que era melhor para eles, era alto, tinha proteção, tinha água, tudo, só se deram mal no final, né? Porque teve o acordo lá, mas aí é mais político.</p>
<p>(T8) Foi bom a vinda dos jesuítas pra cá, porque conseguiram aprender alguma coisa com os índios e passar a cultura dos brancos pros índios e preparar os índios, né? Eles protegiam os índios, eles estavam ensinando a fazer alguma coisa para se proteger do branco. Vocês notaram ali que tinha repartição, um preparava a carne, o outro preparava tijolo, o outro para fazer a tecelagem, então faziam umas divisórias do trabalho e estava crescendo. Os jesuítas conseguiram fazer isso aí. Pena que a política se meteu no meio.</p>
<p>(T9) Eu vejo que eles tentavam proteger bastante os índios, né? Ensinaram vários ofícios para eles também, para que eles pudessem sobreviver, né? Eles eram aptos em vários ofícios. Uma pena que dizimaram tudo.</p>
<p>(T10) É assim, estudei muito, tá? Eu tenho umas duas estantes assim, estudei, estudei dois livros com a biografia do São Francisco Xavier, ele foi parceiro pessoal do São Inácio Loyola quando criaram a ordem lá em 1540, entendeu? 1540, recém tinham descoberto a América, entendeu? Todo ano tinha o relatório, isso que permitiu conhecer</p>

boa parte da história sabe, essa disciplina deles, então pro Guarani, os impérios pra mim, é nota zero total, mas não tem jeito, eles só aprontam, aí, os jesuítas, eles tem uma boa intenção, mas ao mesmo tempo eles são ferramenta de um desses impérios, aliás, eles são do outro também, são do português, pior ainda, porque o império português, os jesuítas brasileiros, encabeçados por José de Anchieta, decretaram um grave estudo que indígena não tem alma e negro não tem alma, e por tanto pode ser escravizado, os jesuítas espanhóis, eles decidiram que os indígenas tinham alma, então esses indígenas daqui não eram escravos, eles eram vassallos do rei de Espanha como um habitante de Madri ou de Barcelona, eles pagavam foro ao imperador e por isso eles pediram proteção. Eles pedem ao senhor rei, “nós somos seus súditos, nós somos os seus filhos, o senhor tem que nos proteger e não querendo acabar com a vida da gente, de tudo que a gente construiu em seu nome, em nome do nosso Deus”, então os jesuítas espanhóis no caso, pra mim, ficam ali com a nota quatro assim, entendeu? Porque ele no final acabaram cedendo ali, alguns, até lá no fim, lutaram.

Durante as entrevistas, é perceptível que algumas das pessoas apresentavam de fato um conhecimento prévio sobre a história jesuítico-guarani, mas que o espetáculo se tornava uma fonte importante de recordação ou conhecimento principal daquela região.

As relações de poder ainda marcam o cotidiano do território missionário e da vida dos Guaranis, que como aponta uma das entrevistadas, os jesuítas vieram “civilizar”, impondo a sua cultura e como afirma outra, em que tiveram uma “simbiose”, sendo então positivo a chegada dos padres e todo o processo reducional. O que demonstra uma divisão de visões, pois outros mesmo que titubeando, não demonstravam certeza sobre a qualidade dessas trocas para ambos os lados.

17. Você achou que o espetáculo foi fiel à realidade? Por quê?
Respostas dos turistas
(T1) Fica essa dúvida, porque pode ter sido contada como deveria ser e não como foi, fica essa dúvida.
(T2) É isso que eu falei, a história a gente esquece, a gente estudou tudo isso no colégio, mas eu não lembrava direito da história nem da outra vez que eu vim, isso que eu lembro que eu li um pouco da história antes de vir, mas a gente esquece, não é da minha área de atuação e foi o que eu falei, eu senti falta de história, porque eu não sei se a

história era realmente essa, ou eles condecoraram muito aquele momento e aí transformaram, realmente eu não sei dizer se é real ou não.
(T3) Eu não posso dizer porque eu não conheço tão bem a história.
(T4) Retrata.
(T5) Eu acho que ele foi fiel a realidade, porque quem não sabe nada da história sai daqui com alguma coisa, eles falam alguma coisa que tu realmente vai aprendendo, então acho que condiz com a realidade e aprende muita coisa.
(T6) Sim, considero que sim.
(T8) Sim.
(T9) Pelo o que a gente conhece da história, só acho que ficou faltando um finalzinho ali, né? Contando o que aconteceu com eles depois da guerra porque terminou a morte do Sepé ali e eles, e aí? Foram dizimados ali uma quantidade enorme de índios e que fizeram com as reduções depois? O que fizeram com o que sobrou? A gente conhece a história, mas faltou esse pedaço contando pra onde levaram eles, sabe? O que aconteceu com eles depois que Portugal e Espanha, então, tomaram de volta as terras, isso faltou.
(T10) Não sei dizer, eu acho que ele é mais um épico de resgate, mais retórico, essas coisas assim, cênicas, de grandes massas, tem o seu lado sedutor para ampliar o conhecimento, também não posso exigir do roteiro, o que seria ser fiel a história? Ser fiel ao que eu acho que é fiel? Eu não acho tá ruim e também não acho que é grande coisa, entendeu? É um entretenimento histórico positivo e que agrega interesse, é um objeto de ocultação brutal secular.

Notamos em linhas gerais, que o espetáculo apresenta influência no pensamento dos visitantes, mesmo aqueles que não tinham um conhecimento amplo previamente, usam de referência histórica a apresentação, assim, como afirma Collot (2012), “(...) a literatura participa da construção do próprio lugar, que acaba sendo lido como um texto.” Ou seja, a literatura, o teatro e outras formas artísticas, contribuem para a memória coletiva dos lugares.

Os grupos indígenas, nesse caso, os Guaranis, tem um lugar destinado a eles nessa memória, porém, na atualidade, tem-se a sensação de que não encontram um lugar de conforto e acolhimento, vivendo em busca de territórios dignos e dignidade de vida. Segundo Marcon (2006, p.71) apesar da tolerância e diplomacia observadas nas relações com a sociedade envolvente, atribuem aos brancos a precária situação ambiental e

fundiária em que vivem. Reforça-se que esse, não é um texto escrito por um autor indígena, mesmo que retrate a participação dos Guaranis nesse período histórico. Assim, buscou-se ouvi-los como agentes do espaço e da história.

Roteiro entrevista com indígenas moradores da aldeia em São Miguel sobre o espetáculo Som e Luz – São Miguel das Missões/RS.

Nome:	
Idade:	
Pergunta	Objetivo da pergunta
1.Há quanto tempo você mora nessa aldeia/cidade?	Estabelecer um contato inicial com o entrevistado, introduzindo as próximas questões.
2.Você tem filhos?	
2.1.Se positivo, quantos filhos?	
3.Com quem você mora?	
4.Como é o sustento da família?	
5.Quais as atividades realizadas na aldeia?	
6.Existe a visita de turistas na aldeia?	Analisar como ocorrem as relações diretas entre indígenas e turistas, compreendendo como isso impacta na vida social e econômica do indígena.
6.1.Em caso positivo, você gosta de receber turistas na aldeia?	
6.2.Em caso negativo, você gostaria de receber turistas na aldeia?	
7.O que você acha dos turistas que frequentam as Ruínas?	
8.Você acha que ter turistas visitando as Ruínas o tempo todo é bom ou ruim?	
9.Você já assistiu ao espetáculo Som e Luz? Se sim, como foi essa experiência?	Ouvir a experiência do mesmo espetáculo na perspectiva do outro povo envolvido ou no caso negativo, analisar os motivos e consequências da narrativa ser contada e ouvida por apenas um grupo;

10.Você acha que a chegada dos jesuítas nessa região no passado foi bom ou ruim para os indígenas? Por quê?	Compreender qual a narrativa existente entre os indígenas sobre o período da evangelização jesuítica e qual a compreensão das relações de poder estabelecidas no período.
11.Vocês (moradores da aldeia) tem diálogo/apoio com o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional)?	Entender sobre conhecimentos prévios desses e como entendem os impactos dessas relações em sua vida prática.
12.Vocês (moradores da aldeia) tem apoio da FUNAI (Fundação Nacional do Índio)?	
13.Vocês (moradores da aldeia) tem apoio da Prefeitura?	

Elaboração: Michele Zonin com colaboração de Reginaldo Souza (2022).

Perguntas	Respostas (indígena)
1.Há quanto tempo você mora nessa aldeia/cidade?	Na aldeia 22 anos.
2.Você tem filhos? 2.1.Se positivo, quantos filhos?	Tenho. Tem 3 meninas e 3 meninos.
3.Com você quem mora?	Meus filhos.
4.Como é o sustento da família?	Artesanato.
5.Quais as atividades realizadas na aldeia?	Não lembro (Entrevistador – vocês tem algum cultivo? O que vocês plantam lá?) Sim, tem, mandioca, batata. (Entrevistador – O artesanato é mais as mulheres ou os homens que fazem?) Eu.
6.Existe a visita de turistas na aldeia? 6.1.Em caso positivo, você gosta de receber turistas na aldeia? 6.2.Em caso negativo, você gostaria de receber turistas na aldeia?	Tem (Entrevistador – Vai muito turista para lá?) Não, pouco. (Entrevistador – Precisa de autorização para ir até lá na aldeia?) Sim.

7.O que você acha dos turistas que frequentam as Ruínas?	Acho bom, não sei.
8.Você acha que ter turistas visitando as Ruínas o tempo todo é bom ou ruim?	Bom.
9.Você já assistiu ao espetáculo Som e Luz? Se sim, como foi essa experiência?	Sim (Entrevistador – Gostou?) Sim.
10.Você acha que a chegada dos jesuítas nessa região no passado foi bom ou ruim para os indígenas? Por quê?	Não. Não sei.
11.Vocês (moradores da aldeia) tem diálogo/apoio com o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional)?	Sim.
12.Vocês (moradores da aldeia) tem apoio da FUNAI (Fundação Nacional do Índio)?	Tem.
13.Vocês (moradores da aldeia) tem apoio da Prefeitura?	Tem. Sim. (Entrevistador – Vocês tem transporte da prefeitura para vir para cá todo dia?) Sim, tem que ficar uma semana. (Entrevistador - Tem uma vez por semana, mas é ruim isso né, não dá para voltar para casa todo dia – e a casa de passagem é boa?) Sim, tranquilo.

Essa entrevista, assim como as demais, ocorreu sem um agendamento prévio, porém, as respostas foram mais sucintas que imaginávamos, sendo dadas entre risos e apertos de mão, demonstrando timidez. Mas que já nos possibilitou entender um pouco da forma contemporânea que os Guaranis vivem na aldeia.

Além do artesanato mencionado diversas vezes, também cultivam alimentos, pode-se dizer então que “não vivem da agricultura, porém não vivem sem ela” (MARCON, 2006, p.71), realizam compras em mercado e convivem com a população

não indígena do município. Demonstra pouco sobre a relação com órgãos federais e com a prefeitura, aparentando, então, que nenhum projeto novo havia sido aplicado até aquele momento.

Nos chamou a atenção a resposta dada a questão¹⁷ referente a chegada dos jesuítas, pois o “não”, nos faz pensar se esse assunto foi ou é trazido como reflexão aos moradores da aldeia, e o que mais ela teria a dizer posteriormente a isso. Vale o registro de que o “não” foi proferido com rapidez e com certa força. Embora não tenha sido mais do que essa rápida palavra, causou impacto. Ao fim, foi feita uma questão que não estava no roteiro: “A senhora tem algum sonho?”, e novamente entre risos e apertos envergonhados, a resposta foi “Sim” seguido de silêncio e outros risos, encerrando a entrevista.

¹⁷ 10. Você acha que a chegada dos jesuítas nessa região no passado foi bom ou ruim para os indígenas? Por quê?

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo, como o conhecemos hoje, é um acúmulo de atravessamentos do passado. Assim, nesse trabalho realizamos a busca por materiais que contemplassem de forma mais ampla a história contada no Espetáculo Som e Luz apresentado como atração turística no Sítio Arqueológico, complexificando uma situação que se tornou comum no cotidiano do município, da comunidade local e dos turistas.

O poder é expresso em diversas situações do texto como apresentado, mas também, é perceptível fora dele, bem como, suas consequências. Vemos o discurso como um território de/em disputa, pois ao questionarmos sobre a qualidade das relações criadas entre jesuítas e indígenas, as respostas favoráveis, vieram baseadas no Espetáculo assistido pelos turistas, os quais não conseguem necessariamente relacionar a apresentação com o cotidiano atual da comunidade indígena em São Miguel ou episódios de violência contra outros grupos originários no país.

Assim como a paisagem é ferramenta de denúncia dos elementos que compõem um lugar, sendo eles visíveis ou não, um texto, também faz essa função de forma semelhante. Aqui, analisamos o que mostra o seu conteúdo, mas há ainda, o que o roteiro não traz evidentemente, como o reforço desse pensamento colonial, reverberado em muitas das falas dos entrevistados.

O texto constrói a ideia de que a vida reducional era harmoniosa, e discursa contra as coroas que vieram provocar o conflito final, sendo pouco questionado sobre a possibilidade de a Guerra Guaranítica ter sido evitada. O fato é que deveras houvesse trocas de interesses entre todos os atores envolvidos, essas relações não se deram no intuito de contribuições culturais e econômicas, e sim, no sentido de dominação e extermínio cultural dos indígenas, pautados pelas ideias de superioridade e, novamente, relações de poder pelo território físico e tudo o que ele comportava.

Ou seja, as relações são expressas de muitas maneiras. Pela história contada, mas também pelas ruínas que representam de modo mais evidente a cultura do europeu colonizador em detrimento à cultura do Guarani que não é notado pelos transeuntes, mesmo que esteja ali diariamente enquanto indivíduos resistentes do genocídio ou nas decorações de estabelecimentos que se apropriam de traços dessa cultura para criar um circuito turístico e econômico.

Trazemos ainda, um último trecho do texto a ser destacado nesse trabalho: “Não é preciso mais palavras. Os estranhos que vos olhem, catedral de vento. É eloquente o bastante a imagem de vossa ruína.” (Diálogo final entre a Terra e a Catedral) Esse fragmento expõe o impacto estético paisagístico missioneiro ao turista, que contempla um patrimônio em conservação, mas que possibilita uma série de narrativas ainda não contadas.

Com essa pesquisa, podemos concluir que a Geografia é muito mais interdisciplinar do que dicotômica. Mostrou, a importância dos trabalhos de campo, nesse caso, na formação acadêmica, abrindo a possibilidade de observarmos elementos que não encontramos em materiais escritos e, ainda, a potencialidade de estudos a serem feitos na região das Missões.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ida. **A literatura é uma geografia?** *Geografia, Literatura e Arte*, v.1, n.2, p. 20-34, jul./dez.2018.
- CASSOL, F. M.. Projeto de estudos práticos em história: conhecendo o sítio arqueológico de São Miguel das Missões. Edição. Santa Maria/RS: **FIPED – Fórum Internacional de Pedagogia**, 6., 2014.
- CARVALHO, Sheila Regina Alves. **Diálogos entre geografia e literatura:** a cidade do rio de janeiro através da crônica machadiana. *Geofrontera*, Campo Grande, n. 5, v. 4, p. 129-150, 2019.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Sobre a Geografia Cultural.** Instituto Histórico do Rio Grande do Sul. Publicado no site em 16/11/2009. Disponível em: < <http://ihgrgs.org.br/artigos/contibuicoes/Roberto%20Lobato%20Corr%C3%AAa%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf>>
- COLLOT, Michel. **Rumo a uma geografia literária.** Gragoatá. Niterói, n. 33, p. 17-31, 2. sem. 2012.
- CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato. **A Redução de São Miguel Arcanjo:** Contribuições ao Estudo da Tipologia Urbana Missioneira. Porto Alegre, 2002. Dissertação de mestrado (Programa de pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- FELIPPE, Guilherme Galhegos. **“Os outros” que se tocam na experiência de missão.** IHU On-line. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, n 530, ano XVIII, 16 out 2018.
- FONSECA, Raquel Agnes Santos. **Paisagem e fronteira:** geografias da raia internacional Brasil-Argentina-Paraguai, Erechim, 2021. 92 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal da Fronteira Sul.
- FUINI, Lucas Labigalini. **O território em Rogério Haesbaert:** concepções e conotações. *Geografia, Ensino & Pesquisa*, Vol. 21 (2017), n.1, p. 19-29. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/22589>>.
- FERNANDES, Cláudio. Companhia de Jesus. **História do Mundo.** Disponível em: < <https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/companhia-jesus.htm#:~:text=A%20Companhia%20de%20Jesus%20foi,contra%20o%20avan%C3%A7o%20do%20protestantismo.>>>.

IBGE cidade. São Miguel das Missões. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/sao-miguel-das-missoes/panorama>>.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Missões Jesuíticas Guaranis - no Brasil, Ruínas de São Miguel das Missões (RS). Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/39>>.

MOMOLI, Andréia Carla. **As contribuições da Residência Pedagógica na formação de professoras:** o caso do núcleo Geografia, UFFS, *Campus Erechim*. Erechim, 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal da Fronteira Sul.

MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra:** índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PASSOS, Messias Modesto dos. **Paisagem e meio ambiente** (Noroeste do Paraná). Maringá: Eduem, 2013.

PAZ, Carlos D. **A missão jesuítica:** as complexas relações que vão além da expansão do cristianismo. IHU On-line. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, n 530, ano XVIII, 16 out 2018.

PESAVENTO, S. J. **História do Rio Grande do Sul**. 7ª Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. ed. 15. São Paulo: Contexto, 2011.

RAFFESTIN, Claude. **Por Uma Geografia do Poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RIBEIRO, Diana Juciéli. **Embates ideológicos presentes em enunciados do Espetáculo Som e Luz, realizado no Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo – RS**. Cerro Largo, 2016. 28 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Universidade Federal da Fronteira Sul.

SANTOS, João Vitor. **A experiência jesuítica num empreendimento de globalização:** Alexandre Coello de La Rosa analisa a constituição da missão que vai ligar o Novo Mundo ao Oriente num projeto global de profusão cultural, mas sob as lógicas europeias. IHU On-line. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, n 530, ano XVIII, 16 out 2018.

SAQUET, Marcos Aurelio. **Abordagens e concepções de território e territorialidade**. Revista Geográfica de América Central. Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica. II Semestre 2011, p. 1-16

SOUZA, Reginaldo José de et al. **Algumas reflexões sobre o território enquanto condição para a existência da paisagem.** *Geoingá, Maringá*, v. 1, n. 1, p. 1-12, 2009.

Apêndice A – Texto completo do Espetáculo Som e Luz

Elenco - Vozes

- 1 - Terra: Fernanda Montenegro.
- 2 - Catedral: Maria Fernanda
- 4 - Construtor – Giovani Primoli: Juca de Oliveira
- 3 – Fundador – Antônio Sepp: Paulo Gracindo
- 5 - Escultor Giusepe Brasanelli
- 6 - Emissário
- 7 – Jesuíta – Pe Antônio Sepp: Paulo Gracindo
- 8 - Marques de Valdelírios - Armando Bogus
- 9 - Gomes freire de Andrade – General
- 10 - José Joaquim Viana – Gov de Montevideo: Rolando Boldrin
- 11 - Sepé Tiarajú – Lider guarani: Lima Duarte

TERRA

Quem vem lá? Quem vem lá? Profanar minha ondulante pradaria? Estrelas, gritos de dor cristalizados pelo infinito vazio desta celeste cobertura, testemunhas dos dolorosos massacres daqueles dias em que a insegurança e o ódio arrancaram-me do dorso a melhor comunidade que em mim germinou. Ah, estrelas, vento irmão, afastai o novo intruso.

RUÍNAS

Um momento, vos pedimos, calmo leito sobre o qual repousamos a tanto tempo, fecunda terra, berço e sepultura, nós ruínas desgastadas, estaremos dentro em breve confundidas com lodo em vosso ventre. Antes, porém, atendei! Permite que estes estranhos que voltam a passear aqui, sem a mesma graça, é claro, dos antigos Guaraní, saibam o que foi feito àquele povo tão belo. Que os estranhos aqui presentes, pelos motivos mais diversos, do mais leviano ao mais penetrante, dividam conosco a mágoa universal de ter assistido a um massacre no qual o inimigo colonialista, por cobiça, raiva e inveja moralista, matou com tiro e lança o legítimo habitante destes campos, os braços construtores desta igreja.

Libertai, serena terra, o espírito de um povo cuja história épica encerra verdades que servem de novo. Os estranhos ora atentos, com seus olhos assustados, podem ser talvez isentos da culpa dos crimes aqui consumados. Mas já que vieram aqui, devem ouvir nos ventos a verdade que encerrais: como foram arrasados vossos filhos, nossos pais, os tranquilos Guaranis

TERRA

Palpita em mim o casamento ensanguentado de dois reinos da península europeia: Espanha, amante da beleza e da aventura, mas tão cruel em suas guerras e conquistas, e Portugal, dono de vasto território àquele tempo, mas pouco hábil para mantê-lo a seu contento, conceberam num tratado o triste intento de trocarem entre si as Missões e Sacramento. Ordenaram aos Guarani e Jesuítas que migrassem com o sol, para além do Rio Uruguai. E ante a recusa de meus filhos em abandonarem minhas colinas consumaram em algazarra sanguinária suas bodas assassinas.

RUÍNAS

Não assim! Oh, terra dolorosa de meus pais, sejamos também mais brandas com os estranhos. Não assim!, pois em nossas palavras está rugindo o tigre da vingança contra um passado de maldade. Devemos tomar cuidado, Terra, com este felino que num bote traiçoeiro pode trair a verdade.

TERRA

Pediste para contar-lhes, não foi isso? Para fazê-lo sentir o sofrimento que ainda tenho. Devo ser branda no relato de minha própria desventura? Acaso a mágoa de ter visto destruída a própria cria não deixa doido o mais plácido e cego mais consciente? De que outra forma quereis que eu me torne agora ouvida?

RUÍNAS

Compartilho convosco este noturno desespero, pois estamos demais ligadas a tudo que aqui foi feito, e já temos a sentença do julgamento da História. Nós, Ruínas, e vós, Terra, vimos brotar uma flor incomum e solitária na primavera humana. Parimos e acalentamos a nação dos Guaranis. Sentimos o cheiro acre de sua luta cotidiana, em que homens eram irmãos prá colher e moer o trigo. Aspiramos o perfume de um milhão de pães na hora das refeições igualmente divididos. Amiga Terra, por aquelas mãos reunida e trabalhada e aconchegada de novo, em adobes empilhada, e ergueram moradias, pra manter agasalhado o fogo de suas vidas, de seus sonhos e repousos. Nós fomos assim de vós refeitas e recriadas. Sobre vós corria, em estrondoso alarido, o gado numeroso, por eles naturalmente criado. Cavalgavam sobre vós, corpo a corpo em seus cavalos, com seus gritos estridentes nos dias de festa ou trabalho. E dentro de mim cantavam de tal forma melodias, que encontravam novos tons em nossa terrestre

harmonia.

Eram de terra seus corpos, sem desejarem diferentes, de água seus sonhos cantando líquidas elegias, de ar e formosura de suas vestes do dia a dia, e a vontade de viver e seus amores, como fogo eram ardentes. Sejamos, portanto, Terra amiga, apenas palco novamente. Que os estranhos nesta noite, vindos para nos ver, participem do drama antigo que os fez morrer.

TERRA

Começo a compreender as vossas intenções. Quereis de novo a coxilha de Santa Tecla assaltada por legiões unidas de Espanha e Portugal. O fluir mortífero daqueles dias de 1756. O golpe fatal desferido contra o povo Guarani, na batalha de Caibaté. A vitória dos bandidos... A morte do índio Sepé...

RUÍNAS

É isso o que quero, e vos digo que, para melhor apresentar esse passado amortecido ao estranho que a escutar estiver nos assistindo, é melhor deixar falar os homens daquele tempo. Invocai-os que eles jazem, dentro de vós, adormecidos. Chamai-os à tona, que venham todos aqui reunidos.

TERRA

Deveis compreender o coração humano, pois por ele fostes construída. Quanto a mim, sou mãe e sempre primitiva matéria prima. Sei da substância, do interior do universo. Já tenho tudo dito em montanhas e planícies. Prá falar a seres vivos há que ser mestre em superfície.

RUÍNAS

Invocai aqueles homens!

TERRA

Infinita alga espiralada da História no oceano no oceano do Tempo, erosão interminável que em mim tudo converte, eu apelo a vossa volta neste momento solene. Amantes do movimento natural, homens francos de pele avermelhada, vozes sonâmbulas pela noite espalhadas, eu vos chamo. Venham também os homens que reuniram as tribos Guaranis sem corromper sua existência, os Jesuítas de variada procedência, que, convivendo com a cultura nativa, enriqueceram-na com a sua. Do meu peito ardente em chamas, saiam também os mestres da traição e da inveja. Saiam portugueses e espanhóis daquele tempo. Que de todos os que falo, ao menos um aqui esteja.

PADRE ANTÔNIO SEPP

Que vento há nesta noite.

RUÍNAS

Seja bem-vindo, padre Antônio Sepp.

TERRA

Filho meu, Antônio Sepp, libertai vossa lembrança. As ruínas sugeriram que a palavra certa alcança,

contra aqueles que nos feriram, a mais rápida vingança.

PADRE ANTÔNIO SEPP

Belas músicas tocando... Não me apraz falar do sangue que afogou nossa alegria. Ouvi! Estais ouvindo a melodia? Quem poderia ser violento consigo mesmo ou com os outros, se dentro de si trouxesse tão sublime harmonia. Sim, eu vos falo e faço gosto, mas dos Guaranis dos meus dias.

A morte veio depois, quando eu já não existia. Que vos falem dela seus autores, pois eles fizeram dela seu cotidiano guia. Mas quando eles vierem, tentai compreendê-los, pois a morte é sempre grata hospedeira nos frios compartimentos de uma vida vazia.

Deixai vossos olhos correrem pelo que agora é ruína. Vede que ainda há beleza mesmo depois da chacina. Libertai vossos olhares Da realidade do que está aqui. Vamos reconstruir os lares dos musicais Guaranis. Deixai-me conduzir os vossos olhos e enriquecer vossas visões com a ofuscante São Miguel, centro de nossas Missões.

Caminhemos pelas ruas sem o menor constrangimento. Estais ouvindo esta música? Pois cá foi feito o instrumento. Os Guaranis os fazem todos: violoncelos, violinos, violas, órgãos, flautas, que mais vos direi...?! Ah, até uma espécie de harpa que eu próprio inventei. E agora ouçam o coral dos meninos... Se eu ainda vivesse diria que eram divinos.

Mas vamos deixá-los e seguir pela cidade. Podemos andar sob estes telhados sem apanhar sereno. Os avarandados cobrem todas as ruas, de dia nos fazem sombra e também protegem da chuva. Andemos por aqui todos, que o lugar não é pequeno. Ali está a escola, e os meninos aprendendo a ler e escrever, enquanto as meninas educam o bordar e o tecer. E são tão hábeis nisso tudo, progridem tanto no estudo, que em breve nos fazem alunos.

Ah, ouçam novamente os cantores, estão afinando a voz: barítonos, baixos tenores. E os

contraltos, e os sopranos. Iguais ou melhores que os germânicos, e nem são arianos.

Olhem só, eles agora estão dançando! Mas vamos continuando...

Ali está a padaria, e a escola de instrumentos. Mais lá em baixo a olaria. Ao construirmos encaixamos os tijolos não usamos cimentos. Lá o moinho, aqui a oficina dos escultores. Quase pegada a ela está o atelier dos pintores.

Ao longe está o matadouro, onde lidam os carneadores. Esse barulho nos vem do trabalho dos ferreiros. Mas, no meio desse ruído, notai que há sempre uma música. Ela está sempre conosco, no trabalho, nas festas, e em nossas preces litúrgicas.

A natureza musical dos Guarani é pouco propensa aos crimes de roubo ou assassinato. Quando raramente um fato assim acontece, reunimos um conselho de índios que tudo logo esclarece. O próprio governo é um conselho de índios que exerce, do qual também fazemos parte. A esse governo se obedece. As idéias políticas, com suas variantes individuais, tomam vários coloridos, e somam-se num só conjunto, em suma, não há partidos.

O diabo deve detestar esse lugar, se eu estivesse vivo diria: aqui não existe se quer burocracia.

O que os torna assim tão hábeis, e lhes traz tanta harmonia, é um instinto incomparável de vida e de companhia. O trabalho já é um fim: realiza-se em si próprio, isso transforma o trabalho em sempre nova poesia.

São Miguel crescia tanto, quase a perder de vista, que decidimos fundar outra redução nas cercanias. Partimos. Junto comigo os primogênitos de quase oitocentas famílias.

Depois de um ano de lutas estava pronta a cidade de São João Batista...

CATEDRAL

A redução de São Miguel Batista foi estabelecida em 1700. O tempo prosseguia, acrescentando prosperidade aos povos Guarani, dos quais a Companhia de Jesus se orgulhava de ser apenas pastora, fundindo sua cultura artística e política com a habilidade dos índios que se deslumbravam com os frutos de sua união. Mais índios vinham juntar-se às comunidades dos Sete Povos. Elas cresciam. Em 1706 fora fundada a última das sete reduções, a de Santo Ângelo Custódio, que veio unir-se às seis outras: São Nicolau, São Borja, São Lourenço, São João Batista, São Luiz Gonzaga e São Miguel, a capital.

Em 1720, no resplendor dos Sete Povos...

TERRA

Catedral, desculpai-me a interrupção, mas há um cavalheiro insistente, dentro de mim inquieto e ansioso prá falar aos estranhos assistentes.

CATEDRAL

Pois se apresente então o cavalheiro.

TERRA

É o senhor Gean Battista Primoli. O arquiteto que vos edificou

CATEDRAL

Senhor Giovanni

GIOVANI PRIMOLI

Sim, sim. Vamos logo com isso. É preciso que todos saibam como era esta minha obra prima, hoje quase toda destruída. Dez anos de trabalho contínuo. E sempre junto comigo, dispostos e tão bonitos
cem operários índios. Ora, senhores, ouçam menos minhas palavras e olhem mais esta rainha. Suas linhas ondulantes, dramáticas ou verticais obedecem o ritmo de mística ladainha. Estão vendo as paredes? Parecem coladas por forte adesivo. Pois então agora eu digo, não há uma gota de cal ou cimento entre tijolos maciços. São de tal forma trabalhados, que a saliência de um se ajusta à depressão do vizinho. Dez anos neste trabalho, nos fazia gosto assistir à lenta explosão de pedra do nosso sacrifício. Em 1743, estava concluído o início. Passaram-se mais dois anos, de lenta ornamentação. Na torre maior, à direita, um galo de estanho dourado encimava o campanário, onde cantavam muitos sinos. Ao passo que na torre da esquerda, que seria construída, seu observatório astronômico, bisbilhotaria estrelas. O relógio da grande torre, que correto media o tempo, foi arrastado por ele, depois de muito vento. E como era bela por dentro... sobre isso, pode falar melhor o artista Giusepe Brasanelli. Hein Giusepe, venha contar aos estranhos a história de suas esculturas.

GIUSEPE BRASANELLI

Não, não, amigo Giovanni. O que eu tinha a dizer já foi dito. Quem quiser saber, que aprenda a ouvir com os olhos o que disseram minhas mãos. E ouçam também a melodia das formas talhadas pelos índios. Eu silencio. Que cantem vossos sentidos.

CATEDRAL

Em 1750, os embaixadores de Portugal e Espanha reuniram-se em sigilo na cidade de Madrid.

EMISSÁRIO

“No dia 13 de janeiro de 1750, os reinos de Espanha e Portugal executaram o seguinte tratado: a colônia de Sacramento, situada ao sul da colônia de São Pedro do Rio Grande, será entregue aos espanhóis, em troca dos Sete Povos das Missões, localizados a leste do Rio Uruguai. Os habitantes destes povos, índios e missionários, deverão tomar apenas os seus bens móveis e semoventes, e emigrar para o outro lado do rio, na direção do ocidente.

CATEDRAL

O Tratado de Madrid varreu a nação dos Guaranis como um vento gelado. Os índios não acreditavam que o mesmo rei da Espanha, que sete anos antes lhes havia reconhecido o papel de servidores fiéis, e lhes entregara diplomas e condecorações, tornando-se amigo, estivesse agora manipulando suas terras e suas vidas sem a menos consideração pelo que haviam construído. Os Jesuítas, por sua vez, tentaram evitar a guerra pressentida. Com palavras, tentaram inutilmente abrandar a revolta dos oprimidos e atenuar a pressa dos colonialistas.

JESUÍTA

Senhor Marquês de Valdelírios, responsável pela execução desse tratado, devo confessar-vos, com muita humildade, meu espanto.

MARQUÊS DE VALDELÍRIOS

Vossa Benção, padre. E que Deus abençoe o Rei da Espanha, enquanto eu estiver ao lado dele.

Com que então estais espantado... Com o Tratado de Madrid?...Ora... Devo crer que vossa vivência com Nosso Senhor Jesus Cristo não vos deixou tempo o bastante para vos ter educado nas artes da nossa sinuosa política...

JESUÍTA

Nestas artes, senhor Marquês, devo me crer atrasado, pois me escapa à compreensão as razões desse tratado. Nossas missões só tem legado à coroa espanhola riquezas, orgulho e trabalho. Os índios tem sido amigos, e mesmo fiéis vassalos, lutando como soldados nas guerras que vós, espanhóis, criais com vossas palavras. Os Sete Povos têm

espantado a todos que os visitam e estudam, foram na França exaltados por Voltaire e Montesquieu. Tem sido um terreno fecundo onde florescem mais belas as plantas da arte e da vida. E porque trocá-los, senhor, pela colônia de Sacramento, lusitana há tanto tempo e sem o menor esplendor?

MARQUÊS DE VALDELÍRIOS

Logo vejo que há exagero no elogio aos vossos índios. Os Jesuítas confundem ruídos e gritos, com música e poesia. Para exercer o poder, é preciso picardia. Então não sabeis que os portugueses tem feito do roubo a indústria que lhes dá mais rendimentos, contrabandeando riquezas pela colônia de Sacramento?

JESUÍTA

Nesse caso, senhor, conscientes do que eles fazem, não podem os espanhóis evitar a ladroagem?

MARQUÊS DE VALDELÍRIOS

Aqui vos falta, caro padre, a malícia necessária. Pense um pouco, mas antes, deixai-me fazer uma observação: devo prevenir-vos do perigo que fazem certas companhias...

JESUÍTA

Perdão, Senhor Marquês, mais uma vez eu falho em decifrar vosso enigma. Não sei qual companhia tem assim me ameaçado.

MARQUÊS DE VALDELÍRIOS

A companhia poética, caro irmão Jesuíta, de um cavalheiro antigo, jovem, de origem semita.

JESUÍTA

Falais de Cristo...

MARQUÊS DE VALDELÍRIOS

É evidente que sim. Vós me pareceis tão ingênuo quanto ele. E vos previno: sendo assim, cuidado, irmão Jesuíta, podeis ter o mesmo fim.

JESUÍTA

Que espada cruel de palavras. Com vossa permissão, voltemos àquele assunto.

MARQUES DE VALDELÍRIOS

A bacia do Prata é o ponto final de três rios e inicial de mil conquistas. De norte a sul

convém ser nossa. E...deixemos de rodeios... Se portugueses hoje fazem fortuna em Sacramento, mudando de dono a colônia mudam de cofre os proventos!

JESUÍTA

Vossas palavras me fazem duvidar de meu entendimento. Quereis dizer que o contrabando continuará a ser feito, desta vez por espanhóis, roubando colônias portuguesas?

MARQUÊS DE VALDELÍRIOS

Cuidado, irmão, cuidado que há muito perigo em deixar assim tão claras verdades discretas. Certas atitudes são melhor sucedidas, quando não explicadas, principalmente em política. A visão crítica, o esclarecimento, causam à execução do poder muito aborrecimento.

JESUÍTA

Eu já compreendi muito bem, senhor Marquês de Valdelírios, a sutileza de vossos desígnios. Venho, no entanto, em nome da minha irmandade, pedir-vos mais algum tempo afim de proceder a mudança. São mais de trinta mil índios, apegados à sua querência há mais de 130 anos. É preciso convencê-los de que devem deslocar-se. Além do mais é preciso trabalhar a nova terra, construir as moradias, isso tudo leva tempo. O prazo determinado para que tudo isso aconteça, não chega a inteirar um ano. Pedimos, portanto, paciência, e o tempo de mais três anos.

MARQUÊS DE VALDELÍRIOS

Admito que seja assim difícil a transferência, aumentarei o dito prazo. No entanto... três anos é muito tempo. Vós sabeis mais do que eu que, pela Sagrada Escritura, o Bom Deus fez esse mundo em apenas seis dias... Sendo vós companheiro de Cristo, algumas orações apressarão a transferência. Prorrogarei o tal prazo, e vos darei mais seis dias, afim de colaborar com a Divina Providência...

TERRA

Os Guaranis não admitiram o Tratado de Madrid.

CATEDRAL

Portugal e Espanha enviaram para combater os rebeldes, demarcadores de terra armados por um exército com soldados dos dois países.

TERRA

Em 1754 chegavam eles à coxilha de Santa Tecla. No comando dos portugueses estava o general Gomes Freire de Andrade. Os espanhóis eram liderados por Adonaegui e José Joaquim Viana, governador de Montevidéu.

JOSÉ JOAQUIM VIANA

São belas estas paragens... Não me agrada saber que vamos trocá-las pela Colônia de Sacramento.

GOMES FREIRE DE ANDRADE

Bem, senhor Joaquim Viana, devo considerar sua falta de motivação responsável pela nossa ineficiência na luta. Com canhões e artilharia temos conseguido bem menos do que esse bando de selvagens armados de lanças e flechas.

JOSÉ JOAQUIM VIANA

O senhor está subestimando o poder de nosso adversário. Esquece que nossos soldados lutam mais pelo salário, ao passo que os Guaranis, defendem seus territórios. Conhecem bem o terreno, sabem onde atocaiar-se, preparam boas armadilhas. Além de tudo são mestres na técnica das guerrilhas.

GOMES FREIRE DE ANDRADE

São bárbaros, no pior sentido. Queimam os seus povoados quando os creem perdidos. Lutam como feras feridas, cavalgando sempre aos berros, sem pudor, quase despidos...

JOSÉ JOAQUIM VIANA

Ora, general Gomes Freire de Andrade, estamos em plena guerra, ensopados de sangue até os olhos, e o senhor fala em pudor com tanta dignidade!

GOMES FREIRE DE ANDRADE

Pois preservo minhas virtudes, senhor Joaquim Viana, tanto nas batalhas de campo, quanto naquelas de cama...

JOSÉ JOAQUIM VIANA

Bravo, Freire de Andrade... já basta tanto cinismo... Sejamos ao menos honestos dentro da nossa maldade.

GOMES FREIRE DE ANDRADE

Se quer chamar assim... Não esqueça, todavia, a nossa cumplicidade.

CATEDRAL

A luta prosseguia, favorecendo muitas vezes os Guaranis, que estavam solidamente unidos sob a chefia dos índios Sepé Tiarajú, e Nicolau Nhanguiru.

SEPÉ TIARAJÚ

Companheiros! Temos freado o inimigo! É preciso continuar lutando sempre, unidos, defendendo nossa querência, e acima de tudo a nossa vida independente! O pelotão de lanças está pronto?

ÍNDIOS

Impaciente e firme para qualquer batalha!

SEPÉ TIARAJÚ

Então, avancemos nessa trilha!

Viva a Nação dos Guaranis!

ÍNDIOS

Viva! E viva Sepé Tiarajú!

SEPÉ TIARAJÚ

Há um bem maior a ser louvado! Algo que vencerá mesmo que percamos a batalha:

Terra que circula em nossos corpos, é teu o nosso trabalho. Ventos claros, rios prateados, independência natural, esposa comum, Liberdade, é por ti a nossa luta, e toda nossa lealdade!

ÍNDIOS

Em nome desta Terra, fora com a tirania dos colonizadores!

TODOS

Fora! Fora! Fora! Fora! Fora!

SEPÉ TIARAJÚ

Abaixo a opressão! Viva a Liberdade!

ÍNDIO

Companheiro Sepé vem de lá, novamente, um soldado português, com uma bandeira branca.

EMISSÁRIO

Venho em nome do General Gomes Freire de Andrade. Ele quer conceder-lhe uma conversa amigável.

SEPÉ TIARAJÚ

Gostam muito de palavras, estes nossos invasores. Se delas fizessem bom uso não seriam traidores.

EMISSÁRIO

Meu General lhe garante toda a segurança possível. E lhes entrega dez soldados, como reféns até sua volta.

SEPÉ TIARAJÚ

Já sei, já sei. É a vigésima vez que me vens esta semana. Desta vez aceito, vamos ao teu General.

GOMES FREIRE DE ANDRADE

Ora, ora, então é esse o grande chefe. Tão jovem e tão despojado de defesa. Agora não usa sequer camisa o pobre bárbaro.

SEPÉ TIARAJÚ

Me chamaste aqui, general de mercenários. Invadiram nossas terras. Assassinaram nossos irmãos.

És um intruso, mais do que eu, tu és um bárbaro.

GOMES FREIRE DE ANDRADE

Indígena insolente... Mas...mesmo assim... Sepé Tiarajú, eu te perdoo... Anda, apeia do teu cavalo. Podes beijar minha mão fidalga. Agradece por minha piedade em nome do Reino de Portugal, verdadeiro dono destas terras.

SEPÉ TIARAJÚ

Esta Terra já tem dono! Deus e São Miguel a entregaram aos animais que a tem povoado. Portanto, General assalariado, ajoelha-te tu e beija os cascos do meu cavalo.

TERRA

As batalhas continuavam, a cada dia mais flores de sangue em meus campos brotavam.

RUÍNAS

No dia sete de fevereiro de 1756, um esquadrão hispano lusitano chefiado pelo

governador de Montevideu, José Joaquim Viana, defrontou-se com Sepé Tiarajú e alguns outros índios.

JOSÉ JOAQUIM VIANA

Soldados! Lá está o índio Sepé. Contra ele. Ataquem! Morto o líder, o adversário esmorece.

SEPÉ TIARAJÚ

Sempre em frente companheiros! Lutemos em nome desta terra, e da nossa liberdade! Fora com os invasores!

RUÍNAS

Um soldado português atingiu Sepé, cravando-lhe uma lança nas costas.

SEPÉ TIARAJÚ

Ah...Deixem-me, eu me recupero. Nicolau Nhanguiru assume o comando...podem ir. Vão, deixem-me...

JOAQUIM VIANA

Sepé! Sepé Tiarajú, ainda está vivo?

SEPÉ TIARAJÚ

Nunca...Sempre...

JOSÉ JOAQUIM VIANA

Está delirando.

SEPÉ TIARAJÚ

Fora daqui...destruidores assassinos...

JOSÉ JOAQUIM VIANA

Sepé Tiarajú! Sou o seu inimigo José Joaquim Viana. Antes de morrer, ouça...

SEPÉ TIARAJÚ

Morrer...Impossível...Quero viver...

JOSÉ JOAQUIM VIANA

Ouçame! Preciso falar-lhe. Eu me senti honrado por ter alguém tão bravo como inimigo. Preciso matá-lo agora.

SEPÉ TIARAJÚ

Fora daqui, maldade cínica... assassinos...eu quero viver...

JOSÉ JOAQUIM VIANA

Você não pode viver, Sepé. Não posso deixá-lo vivo. A lança que tem cravada é portuguesa. Aqui vai o tiro da Espanha.

TERRA

Tres dias depois travou-se a mais cruel batalha daquela guerra. Mil e duzentos Guaranis foram massacrados na batalha de Caiboaté. Nas lutas morreu Nicolau Nhanguiru, líder como fora Sepé.

CATEDRAL

Iniciava-se assim a destruição da Nação dos Guaranis.

TERRA

Basta! Basta! Não é preciso mais palavras. Os estranhos que vos olhem, catedral de vento. É eloquente o bastante a imagem de vossa ruína.

RUÍNAS

As estrelas continuam no céu, quer se vejam ou não. Assim continuará a luta do cacique de São Miguel e de seus irmãos assassinados. Enquanto sobreviver no coração do homem o desejo infinito de ser livre, de lutar contra a opressão, há de se ouvir no dia a dia o grito do índio Sepé.

SEPÉ TIARAJÚ

Terra que circula em nossos corpos, é teu o nosso trabalho. Ventos claros, rios prateados, independência natural, esposa comum, liberdade, é por ti a nossa luta, e toda nossa lealdade.

Fonte: <https://www.portaldasmissoes.com.br/site/view/id/1623/roteiro-e-texto-sobre-espetaculo-som-e-luz.html>